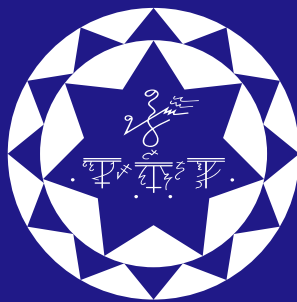


ed.
11
Março/2026
umbandainiciatica.com.br



O.I.T.C.

Ordem Inicialica do Tríplice Caminho
Templo do Caboclo Sete Ondas



O Templo Fala ao Discípulo . A Magia do Ponto Riscado na Umbanda Esotérica: Uma Análise Acadêmica . Pierre Verger x Joana Elbein

Rama: Símbolo da Consciência Emergente . Krishna . As Faces de Hermes

Moisés: O Condutor de Caminhos e a Consciência da Missão Espiritual . Orfeu — A Lira, O Sacrifício e a Luz

Pitágoras — O Mestre da Luz e a Ciência Sagrada . Platão e o Mistério da Alma: Elêusis como Chave da Filosofia Inicialica

Aristóteles - O Iniciado da Forma e da Causa . Jesus: A Iniciação e Seus Aprendizados

A Joia Tríplice do Budismo e a Doutrina do Tríplice Caminho . O Sagrado: Uma Chave de Compreensão de Nós Mesmos

A Arquitetura do Psiquismo: Consciente e Inconsciente na Constituição do Sujeito

O Alfabeto das Estrelas: O Arquêmetro como Instrumento de Arte, Cosmologia e Interpretação dos Textos Sagrados - Introdução



UMBANDA INICIÁTICA

A Revista

EDITORIA Direção Geral: Mestre Ygbere (Olavo Solera). Supervisão: Mestra Obaositala (Jociane). Editor: Kaabianan (Nicolas).
Revisão: Agbacyara (Carla). Direção de Arte: Yabatsara (Gustavo). Coordenação de TI: Yabatsara (Gustavo). Membros da OITC: Mestre Ygbere (Olavo), Mestra Obaositala (Jociane), Abaraitan (Paulo), Agbacyara (Carla), Aramian (Emilia), Arashanan (Gabriel), Aryabhava (Silvana), Kaabianan (Nicolas), Kaananty (Guilherme), Khauman (Alexandre), Karaatan (Gabriel), Obamaran (Wagner), Obiatan (Damião), Omoyanan (Débora), Orianan (Cintia), Talashimam (Lucas), Tashinara (Tiago), Uabarapitan (Edison), Yabala (Liliane), Yabalariê (Wanna), Yabalatundé (Caroline), Yabataiara (Robson), Yabatobi (Marcelo), Yabatsara (Gustavo), Yabirithan (Fábio), Yacyodhara (Eloci), Yamaossi (Adelita), Yanahash (Julia), Yanaiacy (Manoela), Yaramiê (Thais), Yaranala (Flavia), Yaranaya (Nayara), Yashinario (Karen), Yashiredan (Flávio), Yataperi (Célia), Yataratan (Alfredo), Yonahyara (Raquel), Yotaacan (Vanderlei), Ivan.

Ordem Iniciática do Tríplice Caminho (OITC) - Templo do Sr. das 7 Ondas Praça Frederico Osanam, 27 - Ipiranga, São Paulo - SP CEP 04286-010.

Tel.: +55 (11) 98110-0619



Ygbere (Olavo Solera) Mestre-Raiz da O.I.T.C Templo do Caboclo Sr. das 7 Ondas

O Templo Fala ao Discípulo parte 10

- Por Mestre Ygbere
(Olavo Solera)

O ano de 1986 transcorria e o Caboclo 7 Espadas que citei no texto anterior, dando continuidade aos trabalhos que veio fazer, ensinou-nos pela primeira vez a verbalizar os sons ou palavras de poder e que muitos conhecem como makron ou mantras. Iniciamos com o som da letra “A” e fomos em sequência com as vogais em relação aos centros de forças existentes em nosso corpo físico e astral e posteriormente ele inseriu as consoantes pertinentes. De forma paciente e carinhosa o Caboclo 7 Espadas fazia-nos entoar aqueles sons que impressionavam nossos sentidos e produzia profundo bem estar em todos.

Lembro ainda, que para cada correspondente do Tríplice Caminho (a Criança, o Caboclo e o Pai-Velho) existia uma postura física toda especial e sempre com fundamento específico. Para os que desconhecem esses sons, basta ver nos livros de nosso mestre, o Pai Rivas ou os livros de nosso avô de santo, Matta e Silva, lá eles falam sobre os sons primevos ou elementares e que deram origem a todos os demais. Esses sons estão intimamente ligados aos Orixás e seus elementos.

Se não me falha a memória, foi em 1986 que o mestre – Pai Rivas, começou a escrever por meio do Caboclo 7 Espadas, o livro A Proto Síntese Cósmica e a cada capítulo escrito, nosso mestre nos lia em voz alta em sua casa, quando residia no bairro do Klabin em São Paulo. É meus amigos foram momentos de grandes aprendizados e confesso que eu quebrava a cabeça para entender tão difíceis ensinamentos passados pelo astral, apesar de nosso mestre sempre procurar nos fazer





entender tudo aquilo e repetir, repetir, repetir...

Relembrando um texto que escrevi, minha mente caminhou aos anos de 1987 e 1987 e meus pensamentos percorreram vários anos de minha vivência com o mestre, principalmente ter tido a oportunidade em ter conhecido o mestre Yapacani (W.W. da Matta e Silva).

Lembro-me como se fosse ontem, quando ao terminar um rito de atendimento aqui em São Paulo, o nosso mestre convidou-me para ir para Itacuruça – RJ. Apesar do adiantado da hora (afinal já era madrugada), fomos com tamanho contentamento que me sentia uma criança que tinha ganhado um presente querido, afinal eu ia conhecer a T.U.O.

Sabíamos que no mesmo dia, tinha acontecido a “gira” do Vô Matta e chegaríamos por lá no início do dia. No trajeto ao RJ fomos ouvindo nosso mestre contar coisas interessantíssimas sobre a iniciação, sobre o Vô Matta e a viagem transcorreu rapidamente. Como de costume, ao chegar na Serra das Araras, na entrada para Itacuruça, paramos na lanchonete Bob's para nos deliciar com um sanduíche de salada de atum e que fazia parte do costume de nosso mestre e logo em seguida rumamos para o destino tão esperado.

Quando lá chegamos, avistamos o Vô Matta com seu cachimbo de sempre, deitado em uma rede com sua esposa ao lado do terreirinho da T.U.O.

Meus amigos foi um dia maravilhoso, pude conhecer aquele pequeno conga físico, mas enorme em vibrações iluminadas. Ali pude ver e sentir como era verdade quando nosso mestre falava que “lá os Orixás falavam...”

A Magia do Ponto Riscado na Umbanda Esotérica: Uma Análise Acadêmica

- Por Mestre Ygbere
(Olavo Solera)

1. Introdução

A Umbanda é reconhecida como uma religião genuinamente brasileira, marcada pela convergência de elementos das culturas indígena, africana e europeia. Sua diversidade ritual e cosmológica tem atraído interesse acadêmico crescente, especialmente no que se refere aos símbolos e práticas que mediam a experiência religiosa. Os sinais riscados, conhecidos entre os iniciados como Sinal de Pemba, representam uma prática simbólico-mágica presente na Umbanda Esotérica, mas ainda pouco explorada na literatura acadêmica.

A minha dissertação, defendida em 2015 no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, busca preencher essa lacuna, investigando a natureza, as funções e os significados desses sinais no contexto ritual da Umbanda Esotérica.

2. Revisão da Literatura

2.1. Estudos sobre Umbanda e Simbolismo Ritual

No âmbito dos estudos das religiões afro-brasileiras, teóricos como Roger Bastide e Laurent Cossa exploraram a Umbanda como sistema religioso híbrido, destacando seu caráter simbólico e performativo. Embora tais estudos ofereçam fundamentos para compreensão geral, poucos

abordam em profundidade a escrita simbólica dos sinais riscados em suas práticas rituais.

2.2. Pontos Riscados em Religiões Afro-Brasileiras

A literatura sobre pontos riscados em tradições afro-brasileiras refere-se a diagramas ou grafias feitas com pemba (giz ritual) para representar entidades, funções ritualísticas e fluxos de energia espiritual. Conforme a definição etnográfica, os pontos riscados atuam como “símbolos representativos dos guias e seus trabalhos”, manipulando forças espirituais em contextos de cura, proteção e mediação religiosa.

Apesar desse reconhecimento geral, poucos estudos fizeram a transição para uma análise sistemática desses sinais dentro de uma cosmologia específica como a Umbanda Esotérica, deixando espaço para a minha busca.

3. Objetivos e Questões de Pesquisa

O estudo feito por mim tem como objetivos centrais:

Descrever e analisar os sinais riscados observados em rituais da Umbanda Esotérica.

Entender como tais sinais se relacionam com hierarquias e entidades espirituais evocadas nos atendimentos.

Relacionar esses sinais às três

matrizes culturais formadoras da identidade brasileira (europeia, indígena e africana).

4. Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada principalmente na leitura e na análise crítica de textos e materiais rituais sobre a Umbanda Esotérica, complementada por comparação simbólica entre sinais riscados e tradições culturais de referência. A dissertação organiza o seu material em capítulos que abordam: a cosmologia da Umbanda Esotérica, a descrição de rituais públicos e o uso dos sinais riscados dentro desses momentos.

Essa metodologia combina elementos da história das religiões, antropologia simbólica e estudos culturais, permitindo interpretar os sinais não apenas como elementos gráficos, mas como parte integrante da prática ritual.

5. Resultados e Análise

5.1. Função dos Sinais Riscados

Foi observado que os sinais riscados têm uma função dupla: ao mesmo tempo em que identificam qual entidade espiritual está sendo invocada, eles também estabelecem hierarquias espirituais e o espaço sagrado para a atuação desse ser no contexto do ritual.

5.2. Correlação com Matrizes Culturais

O estudo destaca que os sinais riscados, embora específicos da tradição esotérica da Umbanda, incorporam elementos simbólicos que podem ser associados às três matrizes culturais que constituem a religiosidade brasileira:

A matriz europeia, em símbolos mais geométricos ou cabalísticos;

A matriz indígena, em formas que evocam cosmologia naturalista;

A matriz africana, em grafias que remetem a padrões ancestrais.

5.3. Ritual e Continuidade Mítica

Ao traçar esses sinais, os praticantes da Umbanda Esotérica não apenas improvisam desenhos, mas revivem mitos e tradições culturais, garantindo assim a continuação de narrativas partilhadas dentro da religião. Isto reforça a ideia de que a prática ritual não é meramente técnica, mas está imersa em um processo de construção identitária e de consciência religiosa coletiva.

6. Discussão

Propus então que os sinais riscados não devem ser entendidos como meros desenhos, mas como sistemas simbólicos operativos. Eles funcionam como chaves de acesso à esfera espiritual e como formas de linguagem ritual entre médiuns, entidades e participantes do culto. Isso aproxima a Umbanda Esotérica de outras tradições esotéricas em que símbolos gráficos são usados para invocar, proteger ou dirigir forças espirituais, reforçando a importância de abordagens interpretativas que considerem tanto a estrutura interna da religião quanto seus contextos culturais.

7. Conclusão

A dissertação constitui uma contribuição significativa para os estudos das religiões afro-brasileiras, ao oferecer uma análise detalhada e contextualizada dos

sinais riscados na Umbanda Esotérica. Sua pesquisa amplia a compreensão sobre como símbolos ritualísticos funcionam dentro de uma tradição religiosa híbrida, articulando significados culturais e operativos que revelam a complexidade da religiosidade brasileira.

Referências:

SOLERA, Osvaldo Olavo Ortiz. A magia do ponto riscado na Umbanda esotérica. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1946>



Pierre Verger x Joana Elbein

- Por Obaositalá

(Jociane Negrão - Discípula de Mestre Ygbere)

Para o melhor entendimento do texto a seguir, aconselhamos fortemente a leitura destes dois textos: <http://iledeobokum.blogspot.com/2009/01/pierre-verger-e-os-resduos-coloniais-o.html> e <http://iledeobokum.blogspot.com/2009/01/etnografia-religiosa-iorub-e-probidade.htm>.

A leitura de dois textos propostos pelo Prof. Olavo (Mestre Ygbere) foi difícil no terceiro ano da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), em 2010. Eu ainda aluna e sedenta de conhecimento a respeito das religiões afro-brasileiras. Página após página, dúvidas surgiam.

Os dois autores, Pierre Verger e Juana Elbein, são respeitadíssimos em seus meios. Ambos constituem leitura obrigatória para quem se propõe a compreender as Religiões Afro-Brasileiras, e são de fundamental importância para quem deseja ser um Teólogo Umbandista.

Pierre Verger, um jovem francês abastado, resolveu viver fotografando a cultura africana, e ficou famoso com isso. Ele veio para o Brasil, e se aproximou das Religiões Afro-Brasileiras, passando a escrever sobre elas. Ele chegou a visitar a África algumas vezes, onde recebeu o título de Fatumbi ("nascido pelo Ifa"), e a outorga de Babalawô.

Juana Elbein, antropóloga, iniciada no Candomblé e esposa de um Babaogê famoso na Bahia, defendeu seu doutorado em Sorbone/França com a tese Os Nagô e a Morte, e que posteriormente foi publicado,

tornando-se um dos livros mais lidos pelos adeptos das Religiões Afro-Brasileiras.

O primeiro texto, escrito por Pierre Verger, é uma crítica ao livro Os Nagô e a Morte, escrito por Juana Elbein. Neste texto ele a acusa formalmente de construir um sistema teogônico sofisticado, estruturado, embelezado, dualista. Chama atenção para obras que deram origem a erros crassos de interpretação da cultura africana, e como estas obras foram sendo assimiladas e reproduzidas por outros autores, até chegarem aos dias atuais. Erros conceituais, e até de simples tradução ou entonação vocal originaram, segundo ele, erros irreparáveis. E para os pesquisadores menos preparados, ou menos sérios, estes conceitos foram fatais. Enfim, Verger coloca dúvidas razoáveis na obra de Juana Elbein. Questiona sua idoneidade e sua reputação como Antropóloga.

O segundo texto foi escrito por Juana Elbein, como direito de resposta dado pela mesma revista que publicou o texto de Verger. Neste texto, Juana fala do conceito "desde dentro" como uma iniciada e verdadeiramente envolvida com o Santo, chamando a atenção para o fato de que, embora Verger tenha o título de Babalawô, jamais teve terreiro. Segundo ela, sua experiência de anos vividos em dois terreiros famosos da Bahia, mais a sua convivência conjugal com seu Pai de Santo, capacitaram-na para escrever sobre tudo que viu e ouviu.

Ela chamou isto de Antropologia Iniciática.

Ela, por sua vez, acusou Verger de buscar o exotismo, a beleza e o bom primitivo, desprezando a capacidade do povo africano em construir uma teogonia tão complexa e paradigmática. Questionou ela os conceitos expostos no conhecimento acadêmico. Questionou também a capacidade de Verger em interpretar os valores dos povos africanos. Acusando-o de falta de probidade, de limitações metodológicas, e da produção de conceitos esvaziados de conteúdos filosóficos.

Segundo ela, Verger insiste em manter a cultura africana no primitivismo, num estágio inferior, fácil de ser manipulada e dominada. Mais um discurso colonialista europeu tentando desvalorizar a tradição oral, fonte primordial do conhecimento das Religiões Afro-Brasileiras, procurando desacreditar a sagrada relação mestre-discípulo, que caracteriza o caminho da Iniciação dos terreiros.

Acusa-o de que, em sua visão racista, mantém a visão folclorizante do outro, que se deseja dominar, procurando alienar e cooptar.

Ela ressalta que o discurso de Pureza esconde o vil preconceito. Com a intenção de proteger os incapazes, procura manter o monopólio da Verdade, e reage à mínima contrariedade, quando vê seu Poder ameaçado.

Juana mostra-se coerente, consciente de seu papel. Verger, ao contrário, mostra-se arrogante e superior.

Ficam bem claros os conflitos de gênero entre Verger e Joana. Mas, acima de tudo, fica evidente a questão de hierarquia. Como pode uma iniciada sobrepor a opinião de um Babalawô? Verger não suportou, por certo, as duas coisas ao mesmo tempo. Perda de prestígio, humilhação e medo do ostracismo, teria sido isso que pensou Verger para compilar seu texto?

É inegável o valor de Verger, ele é referência em todos os textos escritos sobre o Povo de Santo. Mas, é inegável que este texto deixou bem claro que a tolerância com as diferenças não era uma qualidade dele.

Em minha pouca experiência, achei fabuloso poder encontrar textos tão bem escritos, e capazes de manter minha atenção por tão longo tempo...



Rama: Símbolo da Consciência Emergente

- Por Khauman

(Alexandre - Discípulo de Mestre Ygbere)

Schuré inicia este capítulo recorrendo a um antigo mito védico: o Céu fecundando a Terra. Esse mito expressa simbolicamente a dupla origem da humanidade. De um lado, a origem celeste: a alma humana procede do Céu, da ordem divina, invisível e espiritual. De outro, a origem terrestre: o corpo humano nasce da Terra, formado pelos elementos materiais. Neste capítulo, Schuré se concentra especialmente nas origens terrestres da humanidade, segundo as tradições esotéricas, confirmadas pela antropologia e pela etnologia de seu tempo.

Segundo essa visão, a humanidade se desenvolveu ao longo de ciclos imensos, em épocas em que continentes surgiam e desapareciam dos mares (os chamados ciclos interdiluvianos). Cada grande continente teria dado origem a uma flora, uma fauna e a um tipo humano predominante, simbolizado por quatro grandes raças: vermelha, negra, amarela e branca. Essas raças não devem ser entendidas de forma biológica ou hierárquica, mas como funções espirituais no processo de evolução da humanidade.

Para Schuré, a história humana é, acima de tudo, a história da educação espiritual da alma. Cada raça representa uma contribuição indispensável, e a humanidade plena só surge da integração dessas funções, nunca da exclusão de alguma delas.

- Raça vermelha: simboliza a força telúrica, o enraizamento do espírito humano na vida da Terra, a ligação com a natureza e com a vitalidade do solo.
- Raça negra: representa a potência vital, o predomínio da emoção, do instinto e da energia da vida.
- Raça amarela: expressa a ordem, a tradição e o espírito coletivo, com forte senso de disciplina e continuidade cultural.
- Raça branca: manifesta a consciência individual e o pensamento espiritual, com predomínio da razão, da reflexão e da busca filosófica.

Essas raças simbólicas não desaparecem ao longo do tempo. Elas se encontram, se misturam e se transformam, dando origem a novos tipos humanos portadores de missões espirituais específicas.

Dessa interação surgem, por exemplo, os semitas e os arianos. Os semitas desenvolvem a idéia de um Deus único, absoluto e transcendente, num movimento espiritual que vai de Deus em direção ao homem. Os arianos, por sua vez, expressam a imaginação religiosa, a multiplicidade dos deuses e dos símbolos, num movimento espiritual que vai do homem em direção a Deus.

Uma corrente desce, a outra sobe. É do diálogo entre esses dois movimentos que nasce a grande história espiritual da humanidade.

II — A Missão de Rama

Rama surge atuando simultaneamente no eixo de Deus para o homem e do homem para Deus, permitindo que todas as demais funções espirituais se organizem em harmonia. Ele representa a consciência unificadora, capaz de governar e equilibrar as forças da vida, da Terra, da tradição e do logos.

Schuré descreve um momento de crise espiritual coletiva, marcado pelo predomínio da violência e pela perda do sentido sagrado. Os sacrifícios humanos e os cultos violentos indicam uma força vital desgovernada (função negra); a Terra torna-se brutalizada (função vermelha); a tradição encontra-se corrompida (função amarela); e há ausência do logos e da consciência espiritual (função branca). Rama atua como Iniciado restaurador, reordenando cada uma dessas funções:

- Função vermelha (Terra): reconecta o sagrado à natureza viva, e não à violência. O carvalho torna-se a árvore sagrada e o visgo, a planta telúrica, simbolizando o enraizamento espiritual na Terra.

- **Função negra (Vida):** restaura a força vital adoecida, associada simbolicamente à peste mortal. Rama cura, regenera e transforma a energia destrutiva em potência de vida.
- **Função amarela (Tradição):** purifica a tradição sem destruí-la. Realiza uma reforma religiosa, substituindo os sacrifícios humanos por ritos de cura e regeneração, restaurando a ordem espiritual.
- **Função branca (Consciência e logos):** Rama age guiado pelo conhecimento e pela visão espiritual. Medita sob o carvalho, observa os astros e governa pela consciência, não pela força.

Ao proibir os sacrifícios humanos e substituir o antigo símbolo do Touro pelo Carneiro, Rama propõe uma religiosidade menos violenta e mais consciente. Diante da divisão do povo, conduz aqueles que aderem à nova consciência em uma grande migração rumo ao Oriente, evitando a guerra e inaugurando um novo ciclo espiritual.

III — O Êxodo e a Conquista

Neste momento, Rama atua plenamente como harmonizador das quatro funções, agora no plano coletivo e civilizatório.

- **Função vermelha (Terra):** reconecta o ser humano à Terra não pela força bruta, mas pelo cuidado e pelo cultivo. Ensina a agricultura, organiza a vida material e

institui festas sazonais ligadas aos ciclos da natureza.

- **Função negra (Vida):** a força vital deixa de ser destrutiva e passa a ser um fogo que aquece, orienta e protege. Surgem as fogueiras que guiam o povo, o fogo sagrado no lar e as celebrações do renascimento da luz.
- **Função amarela (Ordem e tradição):** a tradição transforma-se em ordem justa, estável e ética. Rama funda cidades, organiza o trabalho, estabelece leis que proíbem a escravidão e o homicídio e institui um calendário ritual com quatro grandes festas.
- **Função branca (Consciência):** a sociedade passa a refletir uma consciência moral e espiritual. Rama atua como legislador e estabelece a igualdade espiritual entre homem e mulher no culto, colocando a luz e a renovação do sentido como centro da vida coletiva.

Rama harmoniza, dentro do ser humano, o masculino e o feminino: a mulher torna-se guardiã do fogo, símbolo da vida e da continuidade; o homem age no mundo com ordem e ação. Ambos são iguais no culto, expressando uma consciência integrada.

IV — O TESTAMENTO DO GRANDE ANCESTRAL

Aqui se revela o último nível da harmonização realizada por Rama, não apenas na sociedade ou na religião, mas no próprio destino humano.

Função vermelha (Terra): domínio da dimensão material sem apego. Rama integra a Terra e depois a transcende, retirando-se para a montanha sagrada, transmitindo seus ensinamentos e ocultando sua morte física.

- **Função negra (Vida):** a força vital deixa de se expressar como posse e passa a atuar como continuidade espiritual, como passagem consciente entre vida e morte.
- **Função amarela (Tradição):** consolidação da ordem espiritual independente da presença do fundador. A Lei é preservada após sua partida, com a entrega dos símbolos (o fogo sagrado e os chifres do Carneiro), da organização iniciática e sacerdotal e de um testamento simbólico estruturado segundo o zodíaco.
- **Função branca (Consciência):** supremacia do logos. A consciência governa todas as outras funções e culmina na síntese iniciática. Rama renuncia conscientemente ao governo do mundo, compreende a unidade divina e deixa um sistema simbólico de múltiplos níveis: astronômico, histórico e iniciático.

V — A RELIGIÃO VÉDICA

A obra de Rama permanece viva na espiritualidade védica como um modelo de equilíbrio entre as diferentes dimensões da experiência humana.

O texto revela Rama como aquele que conduz a humanidade da brutalidade à luz, integrando natureza, vida, ordem e consciência, e deixando como herança uma espiritualidade fundada na fraternidade, na renúncia e no conhecimento interior.

Rama é o iniciador do movimento entre Deus e o homem, aquele que coloca a espiritualidade em marcha dentro da história.

Os grandes iniciados posteriores não constroem mais a ponte: eles ensinam como atravessá-la, em níveis cada vez mais profundos.

VI - A VIDA DE RAMA

Rama nasceu como príncipe da cidade de Ayodhya, filho do rei Dasharatha, é considerado o sétimo avatar de Vishnu o qual teria nascido para restaurar a ordem no mundo.

Desde a juventude, Rama apresentou características fortes em sua personalidade sendo considerado uma pessoa serena, justa, corajosa, respeitosa as leis e deveres e era mestre em arco e flecha, após vencer uma prova de habilidade e força ele se casa com Sita.

Devido a uma intriga palaciana Rama foi exilado, esta intriga foi arquitetada por Manthara, a criada de confiança da Rainha Kaikeyi, a terceira e mais jovem esposa do rei Dasharatha.

VII – O EXILIO

Manthara convenceu Kaikeyi de que a coroação de Rama (filho da rainha Kausalya) como rei traria perigo para ela e seu próprio filho, Bharata. Ela plantou inveja e medo, argumentando que, se Rama subisse ao trono, Kaikeyi se tornaria subordinada a Kausalya.



Manipulada, Kaikeyi lembrou-se de que o rei Dasharatha lhe devia duas promessas (boas) antigas. Ela coagiu o rei a cumprir essas promessas naquele momento:

1. Que seu filho Bharata fosse coroado rei em vez de Rama.
2. Que Rama fosse banido para a floresta por 14 anos.

Acredita-se que, segundo a tradição da época, um príncipe que ficasse fora do reino por 14 anos perderia o direito ao trono, garantindo que Bharata se consolidasse no poder.

Embora Kaikeyi tenha agido movida pela influência de Manthara, a narrativa também sugere que ela desejava proteger o futuro de seu filho contra as supostas "ameaças" que Rama representaria, segundo a criada.

Dasharatha, devastado, foi obrigado a honrar sua palavra. Rama, aceitando o seu dharma (dever) e para honrar a promessa de seu pai, partiu para o exílio na floresta, acompanhado por Sita e Lakshmana.

Durante seu exílio na floresta sua esposa Sita foi sequestrada por Ravana que era rei de Lanka, a partir deste momento Rama começou a formar alianças e liderar o exército. Atravessou o oceano e foi até Lanka para derrotar em batalha Ravana.

Após derrotar Ravana e cumprir seu exílio, Rama retorna para a cidade de Ayodhya e inicia seu reinado que é chamado de "Rama Rajya".

Na tradição hindu Rama é um avatar de Vishnu e Ravana era o rei de Lanka, esta batalha seria conhecida como o conflito entre a moral e espiritual (dharma x adharma).

Ravana representaria a ordem do Touro o qual é o velho ciclo onde o touro representa a força instintiva e o poder lunar material,

Rama representaria a ordem do Carneiro o qual seria o novo ciclo onde o carneiro representa o princípio solar organizador.

A batalha simboliza a passagem da força bruta para a vontade orientada pela lei onde:

- Touro = Força bruta
- Carneiro = Impulso consciente

O governo de Rama era idealizado pelos princípios de um governo justo, de prosperidade, de ordem moral e harmonia social.

Ele foi um rei ético porque tinha uma conduta de disciplina e colocava o bem coletivo acima de tudo, priorizando a lei e a ordem deixando assim seus desejos pessoais em segundo plano.

Rama teria sido um grande legislador, seria o responsável pela formação de uma civilização ariana primitiva, conduzindo o povo do

Oriente para o Ocidente e isto representa a fundação de uma tradição espiritual, solar e patriarcal.

Segundo Fabre d'Olivet, Rama foi o fundador da civilização esotérica sendo uma figura religiosa do hinduísmo e um legislador ariano primordial, é o símbolo de uma raça/linhagem espiritual.

VIII – GRANDE INCIADO PRIMORDIAL

Esta batalha representa a passagem de uma humanidade matriarcal lunar para uma civilização solar organizada, sendo Rama fundador da tradição patriarcal solar e unificador de povos.

É o início de um novo ciclo pós-diluviano que representa a reorganização da humanidade após uma queda espiritual.

Rama se torna um conquistador através das batalhas ele funda templos de ordem solar em várias plagas como a Mesopotâmia, Egito etc., considerado o organizador de tribos dispersas.

Isso representaria uma nova etapa evolutiva da consciência humana, tendo o pensamento abstrato desenvolvido, a consolidação das leis e da ordem social e a espiritualização através do princípio solar.

A predominância da mente racional, a individualização do ego e a expansão da civilização, faz com que

Rama seja um dos grandes instrutores que impulsiona este novo ciclo.

- Símbolo da consciência mental emergente
- Mestre iniciador da humanidade

É de suma importância entender a diferença entre a ordem lunar e a ordem solar:

uma ordem cósmica.

O sol representa:

- Centro Interior
- Clareza
- Verdade
- Lei

A ética solar é apenas à natureza agindo conforme uma consciência desperta.

ORDEM LUNAR	ORDEM SOLAR
Predominância do princípio feminino	Afirmação da individualidade
Cultos lunares e da fertilidade	Codificação das leis
Forte mediunidade e sensibilidade psíquica	Estrutura hierárquica
Organização tribal e clânica	Desenvolvimento da mente racional
Consciência coletiva mais instintiva	Organização estatal e militar
Podemos ainda distinguir da seguinte forma:	
Intuição	Consciência
Natureza	Ordem
Ciclicidade	Centro
Mistério	Autoridade
Poder gerador	Espírito

LUA = CONSCIÊNCIA COLETIVA E INSTINTIVA (INCONSCIENTE, EMOÇÃO, ARQUÉTIPO MATERNO)

SOL = CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E RACIONAL (CONSCIÊNCIA, EGO, ARQUÉTIPO PATERNO)

A consciência lunar tem como base no costume tribal a questão da moral, da ação guiada por impulso, por forças naturais, pouca responsabilidade individual e unidade orgânica com o grupo, onde a ética era implícita, mas não refletida.

A consciência solar tem o surgimento do eu consciente, aparece a escolha moral, as ações passam a ter responsabilidade pessoal e a lei é codificada.

Aqui nasce o conceito de dharma, não apenas como dever social, mas como alinhamento consciente com

KRISHNA

- Por Arashanan
(Gabriel - Discípulo de Mestre Ygbere)

O sistema religioso-filosófico hindu

Na antiga Índia, a religião fazia parte do cotidiano de todos, sustentando harmoniosamente o corpo, a sociedade e o universo. O sagrado dava sentido a tudo, do nascimento à

morte, influenciando pensamentos e ações. A espiritualidade indiana evoluiu como uma linguagem universal, atravessando dinastias solares e lunares buscando entender as forças do cosmos e o papel do ser humano nesse cenário.

A busca pela união com o divino, por meio da libertação (moksha) e da superação do ego, levou pensadores e místicos indianos a conceberem um dos sistemas espirituais mais

complexos do mundo. Nos Vedas, nos Upanishads e no Bhagavad Gītā, está a essência dessa sabedoria: o autoconhecimento leva à eternidade, e a libertação só acontece ao perceber que tudo é transitório, superando, assim, o ciclo de nascimentos e mortes (samsara).

Krishna e a revolução espiritual da Índia

Nesse cenário de reflexão e busca interior, surge uma figura divina central na tradição: Krishna. Segundo os Vedas, ele representa a presença viva do Absoluto no mundo. Krishna nasceu da união entre Mahadeva, o Espírito Supremo, e Devac, uma virgem escolhida. Ele é chamado de o “Todo-Atraente” e o “Deus Azul”. Como oitavo avatar de Vishnu, uma das principais manifestações da trindade hindu, Krishna se destaca por sua beleza e mistério. Ele é mais do que uma divindade, é um princípio cósmico em forma humana, é a presença amorosa de Vishnu na criação.

Desde o início, a origem de Krishna já indicava uma renovação espiritual para a Índia. Ele nasceu nas florestas sagradas, entre anacoretas e sacerdotes que guardavam os segredos dos Vedas. Krishna é visto como o “Filho de Brahman”, destinado a unir os filhos do Sol (Pandavas) e os filhos da Lua (Curavas), divisão que levou à grande guerra do Mahabharata. Desde pequeno, protegido por sua mãe contra Cansa, o rei tirano de



Madura, Krishna já mostrava sinais da transformação espiritual que traria.

O desaparecimento de Devac

Krishna cresceu com sua mãe entre os pastores, perto do monte Meru. Sua juventude foi simples e cheia dos encantos da infância. No entanto, por trás dessa vida tranquila, havia uma origem divina, à espera do momento certo para se revelar por meio de uma iniciação.

A busca de Krishna por sua centelha divina começou aos quinze anos, quando o repentino desaparecimento de Devac mudou sua vida. Ela foi chamada pelos anacoretas para uma floresta sagrada, onde concebeu o menino Deus. Esse momento levou Krishna a procurar sua mãe, passando por períodos de solidão e reflexão profunda.

Krishna vagou por semanas até que, numa certa manhã, subiu a um pico no Monte Meru. Lá encontrou um ancião de roupas brancas, parado sob os cedros. O homem parecia ter mais de cem anos, com barba branca como neve e uma aura iluminada. Eles se olharam por um longo tempo. O olhar do ancião era doce e imponente ao mesmo tempo. Krishna sentiu algo profundo ao olhar nos olhos dele, como se já o conhecesse há muito tempo, reconhecendo nele uma sabedoria antiga que sempre esteve dentro de si. As palavras enigmáticas desse velho marcaram Krishna e o incitaram em sua busca.



O Mestre, a Iniciação e o Sol

A iniciação de Krishna chegou ao seu ponto máximo quando ele reencontrou o ancião no Monte Meru, que revelou seu nome: Vasichita. Vasichita era mestre dos anacoretas e guardião dos segredos solares. Naquele cenário de tempestades e escuridão na floresta, onde Cansa tentava matar Vasichita para impedir uma profecia que ameaçava seu reinado, Krishna ainda não

compreendia totalmente quem era. Ele acompanhava Cansa como condutor de cavalos, esperando descobrir onde estava sua mãe e qual seria seu destino.

Quando chegou à cabana na floresta e encontrou o sábio, Krishna reconheceu o ancião do Monte Meru, aquele que o havia chamado para seguir o caminho espiritual. Com respeito e amor, Krishna se ajoelhou diante dele. Nesse gesto humilde,

sua iniciação se completou. Ao olhar nos olhos do mestre, ele reconheceu sua origem divina como oitavo avatar de Vishnu.

Mas essa iniciação não foi fácil. Quando Cansa viu Krishna ajoelhado aos pés de Vasichita, sentiu-se traído pela cena e lançou uma flecha contra Krishna, atingindo Vasichita no peito. Nesse momento dramático, o elo entre mestre e discípulo foi selado: o santo morreu ali mesmo. Krishna sentiu como se sua alma fosse atravessada por uma dor profunda, como se toda a essência do mundo sangrasse dentro dele.

A morte do mestre veio acompanhada de uma revelação suprema: Krishna foi levado aos céus, onde viu Mahadeva, o grande Sol dos sóis. Nessa luz infinita, reencontrou Devac, sua mãe glorificada, que o envolveu em amor eterno. Nesse momento, ele compreendeu que era o Filho Divino, o Verbo Criador. Quando voltou à consciência após essa visão mística, Vasichita estava sem vida ao seu lado. Tudo ao redor parecia um véu ilusório diante da verdadeira realidade: o espírito eterno.

Assim, sua iniciação se completou. Krishna tornou-se um Avatar Solar, mediador entre Céu e Terra, aquele que conhece a unidade por meio da dor e da iluminação e retorna ao mundo com a missão de libertar todos os seres. A consciência de Vishnu finalmente despertou nele.

O caminho do som, da devoção e do amor

Krishna tornou-se mestre, guerreiro, herói e guia. Enfrentou forças da

ignorância e da tirania, representadas por reis lunares e sacerdotes das sombras, trazendo uma revelação solar baseada no amor e na reconciliação. No Bhagavad Gītā, ele ensina a Arjuna que só há libertação (moksha) por meio do autoconhecimento e da união interior com o Ser Supremo.

Nesse contexto, surgiu o ensinamento do Bhakti Yoga, o caminho do amor devocional. Para Krishna, amar não é só um sentimento elevado dos humanos, mas uma força cósmica capaz de conectar tudo ao absoluto. O devoto (bhakta) não busca Deus fora de si, mas o reconhece em cada forma: nas cores, nos sons ou até na respiração ao redor.

A devoção se torna uma ciência do coração: quanto mais se ama de verdade, menos ego se tem, até que o coração se torne morada consciente do próprio Mahadeva. Quando ouvimos Krishna tocar sua flauta, cuja melodia parece tecer toda a criação, sentimos as consciências se unindo em comunhão com essa sabedoria amorosa da vida.

As lendas sobre Krishna, como suas danças com as gopis (filhas dos pastores) ou suas canções cheias de amor místico, representam esse sentimento extático que vai além dos sentidos comuns. Sua música não serve apenas para exaltação ou alegria momentânea; ela mostra o caminho para dissolver o ego na presença divina.

Krishna: a revelação solar

A morte de Krishna, atingido por flechas nas montanhas do Himavat,

não simboliza um fim, mas sim uma transformação necessária e profunda. Esse momento representa um sacrifício universal das religiões solares: ao entregar seu corpo e espírito, Krishna se torna o Verbo Redentor, antecessor de Mitra, Hórus, Orfeu e Cristo.

A mensagem de Krishna atravessa fronteiras e épocas. Ele nos ensina que o sagrado está no coração, não apenas nos templos; que nossa redenção vem do autoconhecimento, não da submissão; e que o amor é a forma mais elevada de entendimento. Em sua flauta ecoa a melodia primordial (Aum/Om), símbolo da criação que sustenta tudo ao nosso redor. Sua cor azul simboliza a alma divina encarnada na Terra. Por isso, Krishna permanece vivo na memória: ele não é apenas uma divindade oriental, mas também um arquétipo da alma humana divinizada. Ele nos lembra que, dentro de cada coração, há sempre espaço para o sagrado renascer por meio do Amor.



AS FACES DE HERMES

- Por Agbacyara

(Carla Vieira - Discípula de Mestre Ygbere)

Thoth

Diz-se que Thoth, de nome egípcio Djehuty, que literalmente significa “aquele que é como o íbis”, nasceu dos lábios de Ra - divindade egípcia considerada o pai de toda a criação -, sendo também conhecido como “o deus sem mãe”, aquele que é o próprio verbo divino, em seu aspecto cosmogônico.

Sendo ele o verbo divino, seus desdobramentos convergem para a figura do Deus que controla o espaço e o tempo, o guardião primordial dos mistérios e dos segredos da iniciação.

Frequentemente retratado como o próprio pássaro íbis ou como um babuíno, sendo o pássaro a

representação da palavra que cria e transforma, e o babuíno como o próprio iniciado que sobrepuja o instinto, Thoth assume a posição de primeiro iniciador nas doutrinas sagradas, senhor da magia, e também intermediador entre o mundo profano e as divindades.

Essa intermediação entre os mundos é retratada pela tarefa atribuída à Thoth de encaminhar as almas dos mortos à cerimônia do “peso do coração”, onde teriam pesados os seus corações (espírito) na balança da justiça, em contraparte à pena de Ma’at, deusa egípcia da verdade, equilíbrio e justiça.

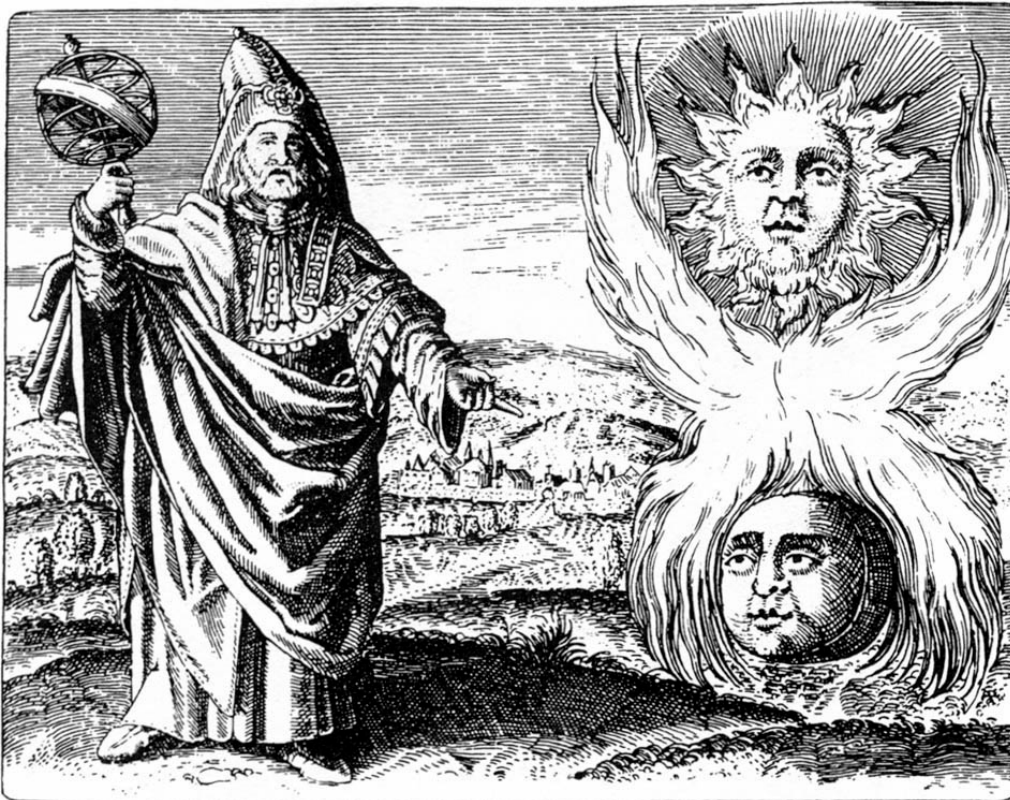
Na cerimônia, seria determinado se o

coração-espírito da pessoa teria o mesmo peso da pena de Ma’at, a fim de possibilitar a passagem para a vida após a morte. Caso o coração pesasse mais que a pena, a pessoa seria guiada por Thoth ao julgamento colegiado, presidido pelas divindades, onde seria decidido o seu destino.

Para além do ofício de intermediador das almas, Thoth assumia um aspecto trino: como um homem, o primeiro e grande iniciador do Egito, como a própria linhagem do sacerdócio, depositário das doutrinas sagradas e dos mistérios, e também aquele que rege as vibrações do planeta Mercúrio.

Atribuiu-se à Thoth, portanto, a ideiação da divindade criadora, que permeia todo o universo material, sendo aquele que teceu os véus de Ísis e que construiu os caminhos que levam o iniciado até a luz solar de Osíris, ao próprio Espírito-Luz.

Sem dúvidas, a sua ciência oculta não apenas norteou e guiou os iniciados no interior fechado dos templos egípcios, como ainda hoje permeia e infunde os mistérios em várias vertentes filorreligiosas e doutrinas contemporâneas que se ocupam do divino, afinal, tudo converge para a síntese primeva em seus fundamentos, a fonte primordial, o verbo divino: Thoth.



Hermes Trismegisto

O povo grego, recém chegado ao Egito pela glória de Alexandre O Grande, aos poucos foi percebendo as similaridades inquestionáveis entre Thoth e a sua divindade Hermes, o mensageiro dos deuses e integrante do panteão grego.

Assim como Thoth, Hermes também era psicopompo (condutor das almas dos mortos), patrono dos escribas e regente do planeta Mercúrio. Eis o princípio da fusão entre as duas divindades, que posteriormente passou a ser descrita como Hermes "Trismegisto", que significa "o três vezes grande", ou "o grande entre os grandes".

A combinação do Deus Egípcio e do Deus Grego resultou na "autoria" dos textos atribuídos a Hermes Trismegisto, compilado no Corpus Hermeticum, que contém em seu apêndice a Tábua de Esmeralda.

Descreve-se, no Corpus Hermeticum, a natureza e essência de Deus,

numa espécie de conversa, ora presidida pelo próprio Ente Supremo, chamado "Nous", ora descrita como doutrina oral passada por Hermes Trismegisto ao seu discípulo Tat.

A profundidade e complexidade do Corpus Hermeticum, sem dúvida, rendem muitas horas de reflexão sobre o universo imaterial, material, o princípio divino em potência, a manifestação do reino material que se consubstancia no homem, os conceitos abstratos do bem e do mal, da morte e da vida, revelando, pouco a pouco, ao iniciado diligente, o que ele está preparado a enxergar e descobrir.

A Tábua de Esmeralda, que complementa o Corpus Hermeticum, é um texto que sintetiza as Leis Maiores que regem o Universo conhecido e desconhecido, servindo como fundamento da Alquimia. Assim está escrito:

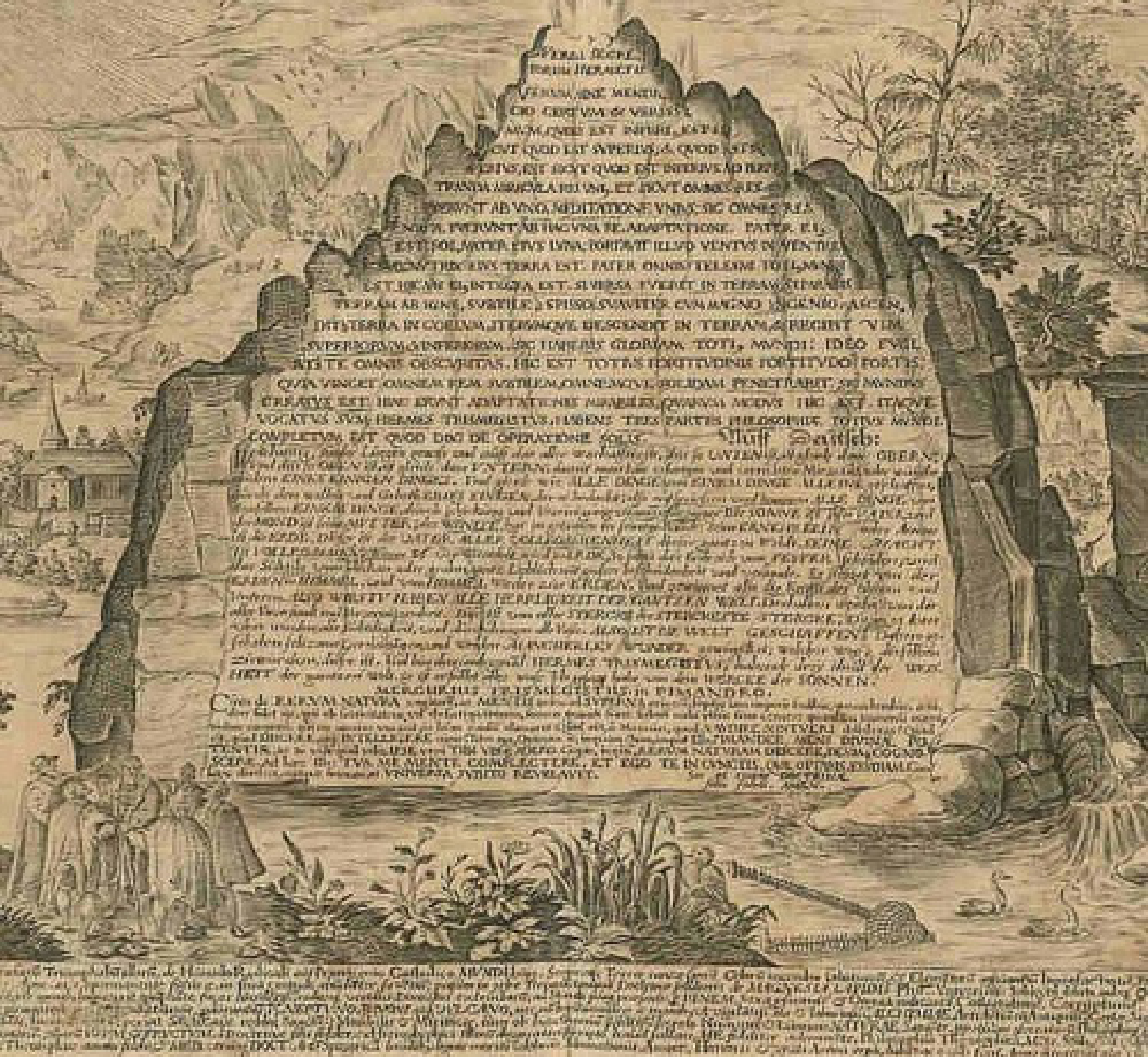
"É verdadeiro, completo, claro e

certo. O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa. Ao mesmo tempo, as coisas foram e vieram do Um, desse modo as coisas nasceram dessa coisa única por adoção. O Sol é o pai, a Lua a mãe, o vento o embalou em seu ventre, a Terra é sua ama; o Thelema do mundo está aqui. Seu poder não tem limites na Terra. Separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, docemente com grande perícia. Sobe da Terra para o céu e desce novamente à Terra e recolhe a força das coisas superiores e inferiores. Desse modo obterás a glória do mundo e as trevas se afastarão. É a força de toda força, pois vencerá a coisa sutil e penetrará na coisa espessa. Assim o mundo foi criado."

Os mistérios que guardam o Corpus Hermeticum e a Tábua de Esmeralda, foram abordados de forma mais "didática", no livro intitulado Caibalion, de autoria dos "Três Iniciados", assim descritos como discípulos de Hermes Trismegisto.

No Caibalion, os "Três Iniciados" trazem os Sete Princípios em que se baseia toda a filosofia hermética, e que estão contidos, de forma difusa, na doutrina secreta do "Três Vezes Grande" Hermes Trismegisto. São os seguintes: O Princípio de Mentalismo, O Princípio de Correspondência, O Princípio de Vibração, O Princípio de Polaridade, O Princípio de Ritmo, O Princípio de Causa e Efeito, e, O Princípio de Gênero.

Assim, os textos vinculados a Hermes Trismegisto revelam desdobramentos dos escritos de



Thoth e seus hieróglifos, como um prisma iluminado pela luz que interpenetra o universo cósmico, onde a magia, a psicurgia e teurgia fazem morada.

Afinal, Hermes é considerado o “Três Vezes Grande”, por ser senhor da Magia, da Psicurgia e da Teurgia. Mas, "Os lábios da sabedoria estão fechados, exceto aos ouvidos do entendimento", como diz o velho axioma hermético.

As faces de Hermes não se restringem a seus nomes, elas permeiam o tempo-espaço, trazendo consigo a doutrina do Verbo-Luz, a Palavra Universal, a mesma preconizada e vivida pelo Mestre Jesus.

Moisés: o condutor de caminhos e a consciência da missão espiritual

- Por Yabalatundé e Abaraitan

(Caroline e Paulo - Discípulos de Mestre Ygbere)

Moisés é falar de chamado, responsabilidade e obediência espiritual. Dentro de uma visão iniciática, ele não se apresenta apenas como um personagem bíblico, mas como o arquétipo do condutor de caminhos, aquele que é preparado para servir à Lei Maior e conduzir consciências em processo de libertação. Moisés nasce em um período de intensa opressão quando seu povo vivia submetido à força material e à injustiça. Desde muito cedo sua trajetória já se encontrava amparada pelo plano espiritual. Ao ser colocado nas águas ainda bebê não foi abandonado, mas entregue à proteção divina. As águas que poderiam representar o fim tornam-se instrumento de salvação. Na espiritualidade nada acontece por acaso: o que aparenta ser perda muitas vezes revela-se como início de preparo.

Criado no palácio do faraó, Moisés teve acesso ao poder, ao conhecimento e à estrutura do opressor. Ainda assim sua consciência jamais se afastou da origem espiritual de seu povo. Esse momento revela um princípio fundamental da Umbanda Iniciática: não é o meio que define o espírito, mas o nível de consciência que ele



sustenta.

O rompimento com a vida palaciana marca uma virada importante em sua caminhada. O deserto surge então como etapa indispensável do processo. Espiritualmente o deserto não é castigo, mas iniciação; é lugar do silêncio da escuta e reencontro com o sagrado. É ali que Moisés recebe o chamado; a sarça ardente simboliza a manifestação da Lei Divina que se apresenta sem consumir ensinando que a verdadeira força espiritual não destrói, mas transforma.

Quando Moisés questiona sua própria capacidade age como todo médium em processo iniciático reconhece suas limitações, mas não se fecha ao chamado; a espiritualidade não escolhe os que se julgam prontos, mas aqueles que se colocam disponíveis ao serviço.

A missão de libertar o povo hebreu evidencia outro fundamento do Tríplice Caminho: a espiritualidade atua por meio de instrumentos humanos; Moisés enfrenta faraó símbolo do ego poder desequilibrado e opressão material; as pragas representam reajuste da Lei mostrando que diante desequilíbrio própria força espiritual manifesta para restaurar ordem.

A travessia do Mar Vermelho simboliza abertura caminhos; o que antes era obstáculo transforma-se passagem para aqueles confiam na Lei Divina; para os insistem na opressão caminho se fecha essa

travessia não liberta apenas corpos, mas também consciências rompendo correntes visíveis e invisíveis.

Ao longo da caminhada pelo deserto Moisés aprende conduzir não é controlar, mas sustentar povo reclama dúvida sente saudade antiga escravidão revelando libertação espiritual um processo gradual A Lei é entregue não como punição, mas orientação para coletivo aprenda viver equilíbrio responsabilidade respeito

Na Umbanda Iniciática do Tríplice Caminho, Moisés é o guia que está em sintonia com a Lei: aquele que anda junto ao povo, que intercede, dá conselhos e ajuda, mesmo sem receber a recompensa no final. Ele faz o seu trabalho até o fim, mostrando que servir é um dever e não uma troca. Moisés é então um símbolo da pessoa que passa pelos seus próprios desertos, luta contra os seus faraós internos e aprende a guiar sem se achar melhor. O seu ensinamento mostra que quando a tarefa vem de um plano mais alto, a proteção vem junto - mas o caminho pede disciplina, humildade e lealdade espiritual.



ORFEU — A LIRA, O SACRIFÍCIO E A LUZ

- Por Yamaossi e Talashiman

(Adelita e Lucas - Discípulos de Mestre Ygbere)

Como definir um ser personificado pela arte, ciência, música e divindade, com simples palavras e possivelmente indignas de sua magnitude?

Por isso, neste pequeno texto, trataremos não de definir o que foi Orfeu, mas sim, de entender sua jornada em terra, os desafios enfrentados por ele, e como tudo isso nos trás uma lição importante.

Visemos aqui entender um pouco de sua vida, e que tal qual o seu discípulo, possamos nada definir, mas sim sentir e aprender com seus ensinamentos. Sentindo estes ensinamentos, e tendo isso dentro de nós afluído, que possamos entender a divindade que representou Orfeu.

Que as palavras aqui escritas, possam servir como um fósforo aceso, prestes a encontrar a pólvora e assim se tornar uma belíssima labareda.

Orfeu era filho de Apolo e de uma Sacerdotisa de Deus, Calíope. Salvador dos homens e pai dos místicos, foi coroado três vezes, no céu, no inferno e na terra.

Vagando entre os Deuses e os homens, ele trazia uma estrela em sua testa. Como uma grande iniciado, já tendo atingido uma consciência superior, a estrela é símbolo de luz do conhecimento divino, da verdade eterna. Trazida em sua testa, onde em muitas tradições está disposto o terceiro olho.

Não entendam mal, ao dizer que Orfeu vagava entre Deuses e homens, não podemos levar esta afirmação no sentido literal, como alguém que perambulava sem rumo. Mas entender que como um iniciado, Orfeu caminhava entre os homens para trazer um conhecimento oculto por muitos, verdades que até então não poderiam ser compreendidas.

Orfeu também em sua representatividade musical, mítica da Grécia, possuía uma lira de 7 cordas, cada corda representando um grau da alma humana. Suas cordas percorriam todo o universo, contendo as leis da arte e da ciência.

Orfeu surgiu muito antes de Cristo e de Homero, na época de Moisés, na Grécia. A Grécia por sua vez encontrava-se em um contexto caótico, divididos pela religião e pela política. Junto com a cobiça e ganância dos Reis e Sacerdotes, as guerras eram alimentadas, as cidades rivais, os templos e as terras sucumbiam as barbáries que levavam o povo a morte e desgraça. A Natureza era temida, venerada e sentida pelo povo. O ódio, e a inveja serpenteavam o povo como uma

grande serpente venenosa. Um cenário de destruição e guerras sangrentas. O homem, como ser humano, não tinha valor algum, era uma criatura desprezada, utilizada como fantoche a favor daqueles que se diziam Reis e grandes homens. Somente a doutrina e a obra eram valorizadas por estes em poder.

A luz de Orfeu reverberava através das eras, sua alma vibrava amor. Estava mergulhado no conceito do Eterno-feminino, princípio espiritual que representa a força geradora da vida, que ressoava sob um tríplice: na humanidade, natureza e no céu.

Foi por entre as batalhas na Grécia que Orfeu fez sua primeira, curta e rápida aparição. Durante os conflitos que se dava entre os povos do sol e da Lua eis que surgiu Orfeu, que ainda não houvera se intitulado com este nome. O povo da lua que era formado por mulheres que faziam dos homens escravos e os colocavam sob suas vontades e caprichos. Ao surgir Orfeu com sua melodia única e inigualável, encantou o povo da lua naquele momento.

Após esta breve aparição Orfeu peregrinou por Samotrácia (ilha grega no Norte do mar Egeu) até o Egito onde procurou e pediu abrigo para os sacerdotes de Mênfis (antiga cidade do Egito, que foi capital do país). E após ter cruzado os mistérios, regressou, agora com seu nome iniciático Orfe, que significa: Aquele que cura através da luz.

Durante esta jornada, ele teve influência sob os santuários gregos, consagrou a realeza de Zeus em Trácia (uma região que abrange parte da Grécia) e a de Apolo em Delfos (antiga cidade grega no monte Parnaso, muito conhecida por seu oráculo de Apolo, um centro de profecias e adivinhação, consultado por toda a Grécia antiga). Moldou a base religiosa da Grécia, moldou a religião de Zeus e Dionísio, onde um pensamento universal foi criado para todos.

Orfeu se tornou uma grande autoridade religiosa da Trácia, grande sacerdote de Zeus.

Ao redor das fontes do rio Ebro, encontrava-se o monte Kaukaíón. Era uma montanha santa aonde alternadamente os povos iam ali para adorar aos diferentes Deuses. Um templo de Júpiter ergueu-se bem ali no centro daquele lugar sagrado. Orfeu apareceu durante um ritual de sacrifício realizado pelos sacerdotes de Kaukaíón, que só praticavam rituais através do fogo.

Orfeu conduziu pela mão seu discípulo, filho de Delfos, e lhe disse:

...“Júpiter é o esposo e a esposa divina, Homem e Mulher. Pai e Mãe. De seu matrimônio sagrado, e de suas núpcias eternas saem incessantemente o Fogo e a Água, a Terra e o Éter. Os altivos Titãs, os Deuses

imutáveis e a flutuante semente dos homens...”

O éter trata-se do quinto elemento, sutil, divino e invisível, que preenche o universo.

Já na Tessália, região da Grécia, no vale de Tempe acontecia a festa Dionisiaca. Era a noite que foi consagrada por Orfeu aos mistérios de Dionísio.

Ao acabar da festa Orfeu voltou-se ao seu discípulo dizendo:

...“Sabes o que é a Lira de Orfeu? O som dos templos inspirados. Tem os Deuses como cordas. À sua música, a Grécia se afinará como uma lira e o próprio mármore cantará em cadências brilhantes, em celestes harmonias. Agora evocai meus Deuses, para que eles te apareçam vivos e te mostrem, numa visão profética, o místico himeneu que preparo para o mundo e que os iniciados verão...”

E com estas palavras Orfeu ensinou naquele momento ao seu discípulo a magnitude de seus princípios. Os Deuses como cordas de sua Lira, seriam como uma força divina, junto a música que traz a sabedoria. Ao afinar a Grécia como uma lira, seria instaurado a religião baseada no amor e harmonia, pregada por Orfeu. E quando o mármore cantasse, até o princípio advindo da matéria se encheria do astral, espiritual.

Alguns acontecimentos depois, os sacerdotes de Zeus se reuniram em uma cripta do santuário no templo de

Júpiter. Orfeu estava no meio deles de pé, pálido, mas com uma centelha de chama que irradiava dos seus olhos.

O sacerdote mais velho disse a Orfeu:

...“Mas, por acaso sabes o que nos ameaça?...Em tua ausência as Bacantes selvagens, reuniram-se no vale de Hécate. Conduzidas por

Algaonice, a mágica de Tessália..ameaçam destruir os templos dos Deuses...O que dizes?”

E disse Orfeu:

“Eu já sabia de tudo, e tudo devia de acontecer.”

As Bacantes, filhas do povo da Lua, de instinto violento, aliadas a Algaonice, foram ao encontro de Orfeu e dos sacerdotes com um exército de



mil Trácios. Os Trácios comandados pelas Bacantes e as Bacantes comandadas por Aglaonice.

Orfeu disse que enfrentaria a todos sozinho. O velho sacerdote incrédulo e apavorado perguntou a Orfeu o que ele queria dizer com isso. E Orfeu lhe disse que se juntaria aos Deuses, dando adeus ao velho naquele instante.

A Tessaliana, Aglaonice, causava sobre todos aqueles que se aproximavam dela uma atração fatal, quase que um feitiço. Por meio das artes de Hécate, ela atraía as jovens para o seu vale de assombração e as ensinava o seu culto.

Em um determinado dia Aglaonice encontrou a bela Eurídice e se apaixonou por ela, um amor louco, maléfico, que não possuía nada além de luxúria.

Ela queria Eurídice no culto das Bacantes, para a dominar. Assim, Aglaonice envolveu Eurídice com suas palavras vãs, desprovidas de qualquer sentimento divino.

Orfeu atraído para o vale de Hécate por um pressentimento viu Eurídice pela primeira vez. Ela caminhava de forma errante, como se estivesse em transe, atraída por uma magia. Orfeu a despertou, chamando seu nome, e a libertou. Depois deste momento Orfeu e Eurídice ficaram juntos para sempre.

Eurídice mostrou para Orfeu a gruta onde se encontrava Aglaonice, junto a ela ficava uma estátua de Hécate

feita em cera. Ela dizia palavras encantadas, fazendo girar sua rodinha mágica. Orfeu quebrou esta rodinha, destruiu a estátua de Hécates e gritou com Aglaonice. Disse-lhe que estava proibida de se quer pensar em Eurídice, sob pena de morte, e a avisou que os filhos de Apolo não a temiam.

Pouco tempo se passara quando uma Bacante, envolvida por Aglaonice, deu uma taça de vinho para Eurídice dizendo-lhe que se bebesse daquela taça teria o conhecimento da ciência e das ervas mágicas. Eurídice em sua inocência bebeu daquela taça e caiu já desfalecida no chão. O cálice continha um veneno mortal, que tirou o último suspiro de Eurídice.

Ao concretizar a morte de Eurídice Orfeu gritou:

“Onde está sua alma?”

E partiu desesperado, vagando por toda a Grécia. Suplicou aos sacerdotes da Samotrácia, foi até os últimos confins da terra, mas tudo foi inútil. Quando finalmente chegou até Trofônio, durante um sono de morte, onde não se dava para respirar, e só se podia conversar através de gestos, naquele lugar onde alguns recuavam e outros morriam, e aqueles que conseguiam sair enlouqueciam, lá Orfeu ouviu Eurídice, que dizia:

“Por mim enfrentaste o inferno e me procuraste entre os mortos... Eu turbilhono neste limbo chorando como tu. Se queres me libertar, salva

a Grécia, dando-lhe luz. Então eu, reencontrando minhas asas, subirei para os astros, e tu me verás na luz dos Deuses. Até lá, é preciso que eu fique vagando na esfera confusa e dolorosa...”

Naquele momento Orfeu quis abraçá-la por três vezes, e em todas essas tentativas ela se esvaiu como uma sombra.

Orfeu ouviu uma voz chamando seu nome, e aquela voz o despertou, o transformando. Foi estremecido pelo sagrado e o poder de um amor enorme. Em vida Eurídice o proporcionou felicidade, e com sua morte ele pôde encontrar a verdade.

Ali Orfeu entendeu que era hora de confirmar por sua morte a sua missão. Desceu mais uma vez aos infernos para depois subir aos céus.

Orfeu e seu discípulo alcançaram o fundo de um vale, e no fundo dessa floresta encontrou fogueiras e tochas acesas. Orfeu caminhou devagar por entre os Trácios e as Bacantes que ali estavam alojados. Quando uma sentinela que ali estava viu Orfeu e perguntou seu nome. Orfeu lhe disse que era um mensageiro de Júpiter e mandou que chamasse seus chefes.

E então Orfeu falou, falou dos Deuses, da vida pura, do celestial, o divino. Prometeu curar doenças, e acalmar a discórdia. Enquanto ele falava

com sua voz calma e doce, os Trácios e as Bacantes ficaram envolvidos e se comovidos com as palavras dele. No entanto Aglaonice mais uma vez coberta de ódio e trevas disse aos Trácios e Bacantes que estavam encantadas e hipnotizadas pela magia de Orfeu. Inconformada insinuou que Orfeu não era um Deus, ordenou que os Trácios o atacassem para que ele como Deus se defendesse e que se ela estivesse mentindo poderiam despedaçá-la. Disse tudo isso pois sentiu que a magia de Orfeu seria mais forte do que a sua.

Orfeu caiu ferido pelas espadas dos Trácios que acompanhavam Aglaonice. Em seu leito de morte Orfeu ergueu sua mão para o seu discípulo e disse:

“Eu morro, mas os Deuses estão vivos.”

Aglaonice apressou-se para arrancar um oráculo de sua vítima, mas ao ver no cadáver um clarão flutuante da tocha, encontrava-se na fisionomia de Orfeu morto uma palidez, somente uma palavra foi dita por Orfeu naquele instante.

“Eurídice!”

Diante daquilo Aglaonice gritou:

“Ele não está morto. E vão me perseguir para sempre! Orfeu, Eurídice.”

As bacantes e os Trácios entenderam ali o teor de horror de seus crimes, fugiram com gritos de dor e angústia.

O corpo de Orfeu foi queimado pelos sacerdotes, e suas cinzas foram para um santuário de Apolo, onde foi venerado como um Deus. Sua tradição ecoou e se propagou pelos templos de Júpiter e Apolo. Sua alma se tornou a alma da Grécia.





PITÁGORAS — O MESTRE DA LUZ E A CIÊNCIA SAGRADA

- Por Kaabianan

(Nicolas - Discípulo de Mestre Ygbere)

Pitágoras ocupa um lugar singular entre os grandes mestres da Antiguidade. Desde muito cedo, sua vida foi envolta em narrativas simbólicas, como se já houvesse, desde o nascimento, a intuição de que não se tratava de um homem comum. Conta-se que seus pais consultaram o oráculo de Delfos antes mesmo de sua concepção, e que a Pítia anunciou o nascimento de um filho “útil a todos os homens, em todos os tempos”. Seja mito, seja memória iniciática, esse presságio marcou profundamente a tradição pitagórica.

Ainda criança, Pitágoras foi levado por sua mãe ao templo de Adonai, no vale do Líbano, onde recebeu uma bênção ritual. Depois, a família retornou a Samos. Esses episódios iniciais já revelam um traço constante de sua vida: a travessia entre culturas, povos e tradições espirituais distintas.

Na juventude, estudou com mestres gregos importantes. Aprendeu com Hermodamas, aprofundou-se com Ferecides em Siro e dialogou com Tales e Anaximandro em Mileto. No entanto, a filosofia nascente da Grécia ainda não lhe parecia suficiente. Havia perguntas mais profundas — sobre a alma, o destino e a ordem invisível do Cosmos — que exigiam outros caminhos de



conhecimento.

Esse impulso o levou ao Egito. Apresentado por Polícrates ao faraó Amasis, Pitágoras foi admitido nos templos de Mênfis, onde permaneceu por mais de duas décadas. Ali, sob a direção de Sonchis, entrou em contato com uma tradição rigorosa, que não separava ciência, ética e espiritualidade. Aprendeu que o verdadeiro saber exige domínio de si mesmo e que a matemática não era apenas cálculo, mas linguagem sagrada do Universo. A ciência dos números e a disciplina da vontade eram vistas como chaves de uma mesma porta.

Os ritos iniciáticos egípcios não eram simbólicos no sentido superficial. Exigiam resistência física, equilíbrio emocional e coragem diante da possibilidade real da morte. Para Pitágoras, no entanto, a morte nunca foi entendida como aniquilação, mas como passagem. O

que buscava era compreender a continuidade da alma e o princípio luminoso que sustenta todas as formas.

Com a invasão da Babilônia em 605 a.C., Pitágoras foi levado para o Oriente. Esse período, muitas vezes pouco comentado, revelou-se decisivo. Na Babilônia, encontrou um raro ponto de convergência entre tradições distintas: os caldeus, os magos persas e a elite espiritual do exílio judaico. Ali, o conhecimento não era fragmentado; era vivido como síntese.

Com os magos descendentes de Zoroastro, aprofundou-se no estudo do fogo sutil e da luz astral — forças descritas como capazes de influenciar a matéria, a percepção e a própria natureza. Falava-se de correntes invisíveis, de magnetismo terrestre, de um fogo que anima todas as formas. Mais do que fenômenos extraordinários,

Pitágoras compreendeu o princípio por trás deles: a realidade é atravessada por leis invisíveis, acessíveis apenas à consciência disciplinada.

Também aprendeu sobre o poder da palavra ritual. Os magos insistiam que certos nomes e fórmulas não podiam ser alterados, pois carregavam séculos de intenção acumulada. Daí nasce sua compreensão de uma magia ética — mais tarde chamada de magia branca — baseada não na dominação, mas na harmonia entre intenção, palavra e ação.

Ao passar por diferentes templos, Pitágoras percebeu algo que marcaria definitivamente seu pensamento: todas as religiões expressam, sob formas diversas, uma mesma Verdade. Essa convicção o acompanharia de volta à Grécia.



Em Crotona, fundou aquilo que não era apenas uma escola, mas uma verdadeira comunidade espiritual: a Ordem Pitagórica. Ali, ciência, ética e vida cotidiana eram inseparáveis. O Instituto Pitagórico buscava formar seres humanos inteiros, não apenas eruditos.

A admissão era rigorosa. Pitágoras observava atentamente os candidatos, acreditando que o caráter se revelava nos gestos mais simples — especialmente no riso. Costumava dizer que “nem toda madeira serve para fazer um Mercúrio”, lembrando que a iniciação exige matéria humana adequada.

Uma das provas mais marcantes consistia em isolar o candidato por horas, com apenas pão, água e um símbolo para contemplar. Não se tratava de resolver um enigma intelectual, mas de enfrentar a própria mente. Depois, o aspirante

era exposto à zombaria dos demais. A prova verdadeira não era a resposta, mas a capacidade de permanecer sereno diante da solidão, da dúvida e do ridículo.

A progressão pelos graus era lenta e exigente. Do estudo preparatório passava-se aos números e à teogonia; depois, à cosmogonia e à evolução da alma; e, por fim, ao grau em que se exigia a tríplice perfeição: clareza da inteligência, virtude da alma e pureza do corpo.

A Escola Pitagórica não atravessou intacta os séculos, mas seu espírito permaneceu. Influenciou profundamente o pensamento grego, antecipou sínteses futuras e lançou sementes que floresceriam tanto no helenismo quanto no cristianismo.

Pitágoras foi, acima de tudo, um construtor de pontes: entre Oriente e Ocidente, entre número e espírito, entre ciência e interioridade. Seu

ensinamento central — a harmonia universal — continua vivo. Ele nos lembra que o Universo é ritmo, proporção e luz, e que o ser humano, como microcosmo do Todo, pode reencontrar a unidade perdida por meio da disciplina, do conhecimento e do amor.

Assim, o mestre de Samos segue cumprindo o antigo presságio:

Ser útil a todos os homens, enquanto houver luz no Cosmos.

Platão e o Mistério da Alma: Elêusis como Chave da Filosofia Iniciática

- Por Kaabianan

(Nicolas - Discípulo de Mestre Ygbere)

Entre os grandes nomes da Grécia antiga, Platão ocupa uma posição difícil de classificar. Chamá-lo apenas de filósofo é insuficiente. Em muitos sentidos, ele foi um homem de passagem: alguém situado entre o mundo arcaico da iniciação e o nascimento da filosofia como discurso racional. Se Pitágoras encarna o ápice da sabedoria iniciática grega e Sócrates representa sua prova moral extrema, Platão é aquele que recebe esse legado já ameaçado e tenta salvá-lo da dispersão do tempo.

Platão nasce em Atenas num momento de esgotamento. A cidade que havia sido símbolo de medida, beleza e inteligência coletiva caminhava para a decadência política e espiritual. Ele cresce sob essa tensão: de um lado, a Acrópole, com sua promessa de ordem e proporção; de outro, a guerra do Peloponeso, a instabilidade e o colapso da confiança nas instituições. Não é difícil compreender por que, desde cedo, Platão se mostrou desconfiado do mundo sensível. Tudo parecia excessivamente frágil para sustentar a verdade.

O que o atraía não eram os fatos isolados, mas aquilo que permanece por trás deles. Havia, em sua formação, uma inquietação constante





Antes de se voltar integralmente à reflexão, Platão se aproximou da arte. A música, a poesia e a pintura lhe pareciam vias legítimas de acesso ao Belo. Mas esse Belo artístico mostrava-se instável: comovia, elevava, mas não transformava. Faltava-lhe algo essencial. O encontro com Sócrates operou então uma mudança decisiva. Diante daquele homem que nada escrevia e nada ensinava no sentido tradicional, Platão descobriu que o centro da vida humana não é o Belo, mas o Bem. A arte reflete o ideal; a justiça, quando vivida, o encarna.

Sócrates não oferecia sistemas, mas provocava. Sua filosofia era um exercício moral contínuo, uma espécie de parto da consciência. Com ele, Platão abandona o palco exterior da arte para ingressar num drama mais exigente: o da alma em confronto consigo mesma.

Há, contudo, uma dimensão de Platão que não se explica apenas por Sócrates. Para compreendê-lo plenamente, é preciso considerar sua relação com os Mistérios de Elêusis. Platão jamais descreve a iniciação — e não poderia fazê-lo —, mas seus diálogos estão impregnados de sua linguagem e de sua lógica simbólica. Elêusis não era um culto popular, nem simples ritual agrícola; era uma pedagogia espiritual baseada na experiência direta.

O mito de Perséfone, central nesses Mistérios, não fala apenas das estações. Ele descreve o destino da alma. Perséfone, filha de Deméter, representa a alma ainda unida ao princípio inteligível. Ao colher o narciso, símbolo da sedução do mundo sensível, ela é arrastada para

o reino subterrâneo. Não se trata de uma queda moral, mas ontológica: a descida da alma ao domínio da necessidade, da forma e do tempo.

Plutão, nesse contexto, não é um mal absoluto, mas o senhor da fixação. A alma, ao entrar no mundo, reina e sofre ao mesmo tempo. Reina, porque anima a matéria; sofre, porque conserva uma memória obscura da luz que perdeu. Essa ambiguidade atravessa toda a filosofia platônica.

A iniciação eleusina fazia o neófito viver esse percurso de modo concreto. As purificações, as trevas, os medos e as visões ensinavam que o mundo psíquico está povoado de ilusões. O perigo não estava apenas fora, mas dentro. Era preciso atravessar esse labirinto com lucidez e firmeza. A morte simbólica não era um fim, mas uma condição: somente quem aceita morrer para o velho modo de ser pode renascer.

Na revelação final, aprendia-se que o retorno é possível. A alma pode elevar-se novamente, não por fuga do mundo, mas por transformação interior. Disciplina, memória espiritual e contemplação eram os meios desse retorno. O que em Elêusis se vivia em silêncio ritual, Platão traduziu em linguagem filosófica. Sua originalidade está aí: transformar experiência iniciática em logos sem destruir o símbolo.

Por isso, seus diálogos não são tratados fechados. São caminhos. O leitor é conduzido gradualmente da opinião ao conhecimento, da aparência à essência, da caverna à luz. Como nos Mistérios, muitos participam, poucos compreendem. Platão escreve para aqueles que já sentem, ainda que confusamente, a



nostalgia do eterno. Quando os templos de Elêusis foram silenciados, essa tradição não desapareceu. Ela sobreviveu na obra platônica, atravessou o neoplatonismo, influenciou o pensamento místico do Ocidente e continua presente sempre que a filosofia se recusa a ser mero exercício intelectual. Platão não pertence apenas à Grécia. Ele pertence a todos aqueles que reconhecem que a alma está exilada, mas não perdida — e que o conhecimento, quando unido ao amor e à disciplina interior, pode conduzi-la de volta à sua pátria.

ARISTÓTELES - O INICIADO DA FORMA E DA CAUSA

- Por Kaabianan

(Nicolas - Discípulo de Mestre Ygbere)

Quando Aristóteles chegou à Academia de Atenas, ainda era muito jovem. Vinha de Estagira, filho de Nicômaco, médico ligado à corte macedônia, e trazia consigo algo que o distinguiria desde cedo: uma familiaridade concreta com os corpos, com a observação da natureza e com seus ritmos silenciosos. Esse detalhe biográfico costuma ser mencionado apenas de passagem, mas talvez seja decisivo. Aristóteles não nasce voltado para o céu das Ideias; nasce atento à vida que cresce, se organiza e se transforma.

Durante quase vinte anos permaneceu ao lado de Platão. Participou dos diálogos, aprendeu o rigor da dialética e foi iniciado na contemplação do inteligível. No entanto, sua relação com o mestre nunca foi de absorção completa. Onde Platão via o mundo sensível como sombra, Aristóteles percebia estrutura. Onde o mestre buscava o arquétipo separado, o discípulo procurava a forma inscrita na própria coisa. Não se tratava de negação, mas de deslocamento do olhar.

A morte de Platão marca uma ruptura necessária. Aristóteles deixa Atenas e inicia um longo período de deslocamentos. Vive na Ásia Menor, aproxima-se de médicos, observa animais, recolhe dados, estuda leis, costumes e línguas. Esse tempo não foi apenas preparatório; foi formativo.



Aristóteles aprende com a multiplicidade. Ali onde muitos viam dispersão, ele começa a intuir uma ordem mais profunda, uma regularidade que não se impõe de fora, mas emerge do interior dos seres.

Quando retorna e funda o Liceu, já não é apenas um discípulo que se tornou independente. É um pensador que encontrou seu próprio ritmo. O ensino peripatético — feito em movimento, sob os pórticos — não era um detalhe pitoresco. Caminhar significava pensar acompanhando o real, sem saltos abruptos. O conhecimento não era revelação súbita, mas percurso, encadeamento, atenção paciente às causas.

No centro de sua filosofia está a noção de forma. Mas forma, para Aristóteles, não é um modelo distante nem um ideal abstrato. É o princípio vivo que organiza a matéria e orienta cada ser para sua realização própria. Nada existe sem finalidade. Cada coisa tende a ser aquilo que pode ser plenamente. O cosmos, assim, deixa de ser um acidente e passa a ser uma ordem viva, atravessada por graus de potência e de ato. Conhecer é acompanhar esse movimento interno, quase como quem observa um crescimento.

É nesse contexto que surgem as quatro causas. Material, formal, eficiente e final não são apenas categorias explicativas; são modos de leitura do real. Perguntar de que algo é feito, o que o estrutura, por que surgiu e para que tende é aprender a ver o mundo em profundidade. Não é absurdo perceber, aqui, ecos de antigas

estruturas simbólicas. A diferença é que Aristóteles não as apresenta como mito ou rito, mas como análise rigorosa.

No ponto mais alto de sua metafísica, aparece o Motor Imóvel. Não um deus à maneira humana, mas um princípio absoluto: ato puro, pensamento que se pensa a si mesmo. Tudo o que existe se move por atração, por desejo de realização. O divino, nesse sentido, não empurra o mundo; ele o chama. A ordem do cosmos nasce dessa aspiração silenciosa.

Quanto à alma, Aristóteles recusa a imagem do prisioneiro. A alma não está no corpo como algo estranho, mas como sua forma viva. É ela que torna possível a nutrição, a sensação e, no homem, o intelecto. O nous ocupa aqui um lugar singular. Capaz de receber as formas universais sem matéria, ele parece tocar algo que ultrapassa o indivíduo. Há, nesse ponto, uma abertura para o eterno que Aristóteles reconhece sem dramatizar.

Na ética, a mesma sobriedade se mantém. A virtude não é heroísmo nem negação, mas equilíbrio. O justo meio não é mediocridade; é precisão. Exige hábito, atenção e governo interior. A felicidade — a eudaimonia — não está no prazer momentâneo nem na glória pública, mas na atividade conforme à excelência própria do ser humano. Viver bem é atualizar o que se é.

Por isso, Aristóteles pode ser visto como um mediador raro. Ele não rompe com a herança iniciática antiga, mas também não a repete. Traduz. Se Platão foi o filósofo da

ascensão, Aristóteles foi o da permanência lúcida no mundo. Mostrou que o inteligível não habita apenas acima das coisas, mas opera nelas, discretamente, por meio da forma, da finalidade e da ordem.

Sua obra atravessou séculos não porque ofereceu um sistema fechado, mas porque ensinou uma disciplina do olhar. Aristóteles não fundou um culto. Fundou um modo de atenção. Sua lição permanece simples e exigente: quem deseja compreender o mais alto deve aprender a ver o mais próximo, pois a mesma razão que estrutura os astros organiza a planta, o animal, a cidade — e a alma humana.

Jesus: A Iniciação e Seus Aprendizados

- Por Yaranaya
(Nayara - Discípula de Mestre Ygbere)

Em nossos estudos, ao contemplarmos a figura de Jesus, ele é compreendido não apenas como o Salvador da humanidade, mas como um Mestre Iniciado, portador da consciência Crística, que veio à Terra revelar o caminho da ascensão espiritual. Esse Jesus é nosso maior exemplo de que, para alcançarmos a evolução interna — o despertar do Cristo interior — é necessário atravessar etapas de persistência, provações, humildade, amor, paciência e todas as virtudes que o espírito precisa desenvolver.

Há evidências de que, durante toda a sua trajetória encarnada, Jesus manifestou ações e vivências próprias de uma iniciação genuína, fazendo-nos compreender que seu exemplo é o verdadeiro mapa do retorno à Luz. Cada gesto, palavra e silêncio de Jesus tornam-se lições valiosas de autodomínio, amor e conexão com a Suprema Consciência Una. Sabemos que esse caminho nem sempre é fácil, mas é preciso para que alcancemos a elevação espiritual, não por ego, mas para a evolução do espírito. Jesus não veio fundar religiões, mas despertar consciências.

Ele ensinou que o Reino de Deus não está fora, mas dentro de nós, como evidenciado nas Escrituras, em Lucas 17:20-21: “O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali.



Porque o Reino de Deus está dentro de vós.” Assim, o caminho da iniciação começa e sempre será em nosso interior.

Nada do que Jesus viveu foi aleatório. Ele seguiu uma ordem iniciática clara, que começa no despertar da consciência, passa pela purificação do ego, atravessa a cruz

da dor e culmina na entrega total ao Divino. Esse mesmo caminho é oferecido diariamente a cada um de nós, sempre que nos dispomos a segui-lo.

Buscar o Cristo Interno é um processo de purificação e despertar. Não se trata de uma busca externa, mas de uma jornada interior que

exige desapego, silêncio e autoconhecimento. A cada vez que superamos o orgulho, o medo, a inveja ou o julgamento, uma camada da ilusão se desfaz, permitindo que a Luz do Cristo brilhe um pouco mais em nós. Essa busca não se faz apenas por meio de estudos ou da fé, mas pela vivência cotidiana. O Cristo manifesta-se nas nossas atitudes diárias, que expressam amor, paciência, perdão e humildade.

A cruz carregada por Jesus simboliza a iniciação interior. Cada ser humano carrega sua própria cruz, formada por dores, carmas, erros e aprendizados desta ou de outras existências. Quando deixamos de fugir dela e a abraçamos com consciência, transmutamos sofrimento em sabedoria. A cruz não é um castigo, mas um instrumento de transformação. Ao ser crucificado, Jesus mostrou que o verdadeiro iniciado permanece na Luz mesmo quando tudo ao redor parece trevas, escolhendo-a todos os dias.

Na visão iniciática, a crucificação não representa derrota, mas consumação: o ápice do caminho do Iniciado, quando o ego se rende completamente à Consciência Divina. Na cruz, Jesus entrega o corpo, o controle e a vontade pessoal, expressando a confiança plena na Vontade Maior. Essa entrega revela que não é o poder que liberta, mas a consciência.

Jesus, como Mestre Iniciado, ensinou principalmente pelo exemplo. Ele atravessou as provas da matéria sem se perder nelas, enfrentou a dor sem se afastar da Luz e entregou-se totalmente ao Divino com aceitação. Seu legado é

um convite à transformação interior, lembrando-nos de que a verdadeira ascensão acontece quando o ego se cala para que o Supremo conduza e o amor seja nosso maior condutor. Ao reconhecer esse ensinamento, somos chamados a trilhar o mesmo caminho de luz, amor e responsabilidade espiritual.



A Joia Tríplice do Budismo e a Doutrina do Tríplice Caminho

- Por Agbacyara

(Carla Vieira - Discípula de Mestre Ygbere)

Para o Budismo, a Joia Tríplice é composta pelo Buddha, o Dharma, e a Sangha. O Buddha, representa o mestre, o professor, o iluminado, o Buda Shakyamuni: Siddhāttha Gotama (em páli), o sétimo Buda deste mundo.

O Dharma, representa a doutrina e os ensinamentos do Buda, contidos no Tripiṭaka: a coleção canônica (oficial) dos sutras, que são os registros dos ensinamentos orais do Buda. O Dharma também é considerado como uma corporificação do Buda.

A Sangha, representa a comunidade monástica budista, ou, numa visão mais abrangente, os praticantes da doutrina. A Sangha oferece apoio e inspiração na senda budista, de forma harmoniosa, já que os monges e monjas são considerados protetores do Dharma.

Para se tornar um budista, diz-se que o indivíduo precisa refugiar-se na Joia Tríplice, o que significa passar por uma cerimônia, marcando o seu compromisso e aceitação do Buddha como seu mestre, do Dharma como seus ensinamentos, e da Sangha como sua comunidade pertencente.

A Doutrina do Tríplice Caminho, trazida pelo Mestre Arhapiagha em 1996 em “Fundamentos Herméticos de Umbanda”, funciona como base dialética da Umbanda Esotérica e Iniciática, sendo composta pela união



harmônica entre três Doutrinas:

- A Doutrina Tântrica, vinculada à Luz cósmica (macrocosmo), e aos pensamentos (microcosmo);

- A Doutrina Mântrica, vinculada ao Som cósmico (macrocosmo), e aos sentimentos (microcosmo); e

- A Doutrina Yântrica, vinculada ao Movimento cósmico (macrocosmo), e à ação (microcosmo).

Na perspectiva espiritual da Umbanda, os mestres astralizados se utilizam de arquétipos afins à comunidade onde se apresentam, com foco nos três organismos: Mental (tântrico), Astral (mântrico) e Físico (yântrico). Aqui no Brasil, os Mestres da Sabedoria se apresentam como Pais-Velhos e Mães-Velhas, e cuidam do organismo Mental do indivíduo. Já os Mestres do Amor Puro, se mostram como Crianças,

trabalhando no organismo Astral das pessoas. Por fim, os Mestres da Atividade aparecem como Caboclos e Caboclas, atuando no organismo Físico, trazendo alento ao adepto.

O Buddha, representado pela iluminação, do mesmo modo que a luz cósmica reflete na sabedoria dos Pais-Velhos e Mães-Velhas, inspirando em nós a reformulação da nossa mente, reverberando na mente do universo.

O Dharma, a doutrina que penetra os ouvidos do adepto, como o som do mantra sagrado que sacode o organismo astral, que dá significado à existência, que é a consequência direta do amor cósmico e potência divina. É a manifestação do puro, o que dá “corpo” ao intangível, como a Criança: resultado da união de dois polos.

A Sangha, comunidade protetora do Dharma, pela realização harmoniosa da doutrina, assim como os Mestres da Atividade, retratados como Caboclos e Caboclas, que nos trazem força e suporte para realizar e modificar, espelhando o movimento que tudo transforma, e a impermanência presente nas fibras astrais do universo.

Seja pelo refúgio na Joia Tríplice do Budismo, ou na dialética da Doutrina do Tríplice Caminho, vislumbramos o foco na trina manifestação do “eu” cósmico, inserido no mundo onde a matéria interpenetra.

Toda divergência é fruto da aparência, pois, em essência, somos um só, envolvidos pelo Divino, no seu Amor e Sabedoria cósmicos.



O Sagrado: Uma Chave de Compreensão de Nós Mesmos

- Por Arashanan

(Gabriel - Discípulo de Mestre Ygbere)

Como observou Mircea Eliade em sua obra *História das Crenças e das Ideias Religiosas*, é difícil conceber como o espírito humano poderia funcionar sem a crença na existência de algo intrinsecamente real no mundo — seja ele material ou espiritual. Essa realidade, percebida como absoluta e atemporal, transcende as limitações do tempo e do espaço, preenchendo os vazios da existência e oferecendo um ponto de referência ontológico, situando o homem em sua relação com o divino.

Esse processo de localização ontológica permitiu que a consciência místico-religiosa humana se desenvolvesse à medida que atribuía sentido aos impulsos, formas e experiências vivenciadas no cotidiano. Durante tempos imemoriais, alheios ao nosso racionalismo científico e ao

materialismo contemporâneo, a interação humana com elementos naturais revelava uma profunda conexão entre a consciência do mundo externo e o autoconhecimento do ser. Constelações, animais, pedras e paisagens não eram meras marcações estéticas do ambiente, mas atuavam como guias espirituais e morais, conferindo ordem e propósito ao caos da existência. Essa atribuição de significados criou a base para uma teologia primitiva, na qual o sagrado não era uma abstração, mas uma realidade dinâmica integrada à vida dos seres.

Foi por meio das interpretações de imagens, sensações e objetos associados ao divino que o ser humano não apenas orientou a realidade geográfica ao seu redor, mas também explorou territórios espirituais inexplorados, por meio de eixos construídos em torno da ideia

de sagrado. Esse mergulho qualitativo possibilitou a ampliação de categorias epistemológicas da consciência, permitindo o discernimento de princípios e práticas morais e espirituais nas manifestações e representações mais simples da natureza — algo que precedia qualquer forma complexa de linguagem ou racionalidade discursiva.

As primeiras descobertas tecnológicas — a transformação da pedra em instrumentos de ataque e de defesa, o domínio do fogo — não só asseguraram a sobrevivência e o desenvolvimento da espécie humana, como também produziram todo um universo de valores mítico-religiosos, incitando e nutrindo a imaginação criadora. Um exemplo disso é o papel das ferramentas na vida religiosa e na mitologia, desde os paleantropídeos até as tribos da Papua-Nova Guiné. O valor mágico-religioso de uma arma — de madeira, pedra ou metal — sobrevive ainda entre culturas indígenas, ameríndias, africanas e em algumas populações rurais europeias, e não apenas em seu folclore.



A sacralização de instrumentos, ferramentas e objetos inanimados permitiu que o homem ultrapassasse sua condição terrena e corpórea, conectando-se a algo maior e mais profundo. Esse movimento de transcendência da matéria, por meio da interpretação do espírito, foi fundamental para o desenvolvimento de nossa psique, configurando formas de autoconhecimento que dialogam diretamente com as bases da religiosidade contemporânea.

Por meio desses arquétipos e das práticas ritualísticas, emergiram estruturas de pensamento que continuam a influenciar a maneira como interpretamos a realidade, enfrentamos dilemas existenciais e buscamos propósito em nossas vidas. Essa relação simbiótica com o mundo natural também influenciou profundamente o desenvolvimento de estruturas sociais e culturais. A sacralidade atribuída a determinados lugares ou objetos ajudou a consolidar identidades coletivas, criando narrativas compartilhadas que fundamentaram as primeiras comunidades humanas.

Em culturas mais antigas, viver como ser humano era, portanto, um ato religioso, no qual atividades básicas, como a alimentação, a vida sexual e o trabalho, assumiam um valor sacramental. Em outras palavras, ser — ou tornar-se — humano significava, essencialmente, ser religioso. Essa herança ancestral, expressa nas tradições, nos mitos e nos costumes, evidencia a relação intrínseca entre o humano e o sagrado, mostrando como o passado continua a demarcar o caminho e a iluminar o presente.

Ao investigarmos os elementos

mágico-religiosos presentes nas origens da humanidade, somos convidados a mergulhar em um universo de significados e símbolos que transcendem o tempo, revelando as raízes de comportamentos e modos de pensar que continuam a influenciar nossas práticas, pensamentos e sentimentos. Esses elementos não são meros vestígios de um passado distante, mas aspectos constitutivos da própria condição humana, demonstrando como o sagrado está entrelaçado à experiência de ser e estar no mundo.

É por meio da assimilação da ideia de sagrado, construída por inúmeros povos e civilizações ao longo da história, que adquirimos uma compreensão mais profunda do tempo e do espaço que nos cercam. Essa conexão nos permite ressignificar nossa relação com o passado, situando-nos em uma linha contínua que une nossas tradições ancestrais às nossas experiências atuais. É nesse processo de apropriação simbólica que encontramos um tempo e um espaço para chamar de nossos — um espaço que nos define, nos ancora e nos orienta em meio ao caos da existência.

O sagrado, nesse sentido, não deve ser entendido como uma etapa superada da história ou um conceito restrito às práticas religiosas de um tempo específico. Pelo contrário, revela-se como um elemento estrutural da consciência humana, um arquétipo universal que molda nossa percepção de mundo e nossa busca por sentido. Desde os primeiros rituais, realizados ao redor de fogueiras ancestrais, até as mais complexas tradições espirituais contemporâneas, a ideia de sagrado

atua como um fio condutor que atravessa e conecta todas as épocas e culturas.

Essa noção de sagrado, profundamente enraizada na psique humana, é responsável por transformar o ordinário em extraordinário, conferindo significado às atividades cotidianas e elevando a existência a um patamar simbólico e espiritual. Comer, trabalhar, amar e até mesmo morrer adquirem um caráter transcendente quando inseridos nesse contexto mais amplo. Essa transcendência nos aproxima do mistério e nos lembra de que somos, simultaneamente, seres finitos e conectados a algo maior.

Ao compreendê-lo como uma dimensão inerente à experiência humana, abrimos espaço para refletir sobre como ele influencia nossas escolhas, nossos valores e nossas relações. O sagrado não é apenas um conceito abstrato, mas uma força viva que molda nossa maneira de interpretar a realidade, de nos relacionarmos com o outro e de enfrentarmos as grandes questões da vida, como a morte, o amor e o propósito.

Portanto, ao desvelarmos os elementos mágico-religiosos que permeiam nossas origens, reconhecemos que o sagrado, longe de ser um resquício de eras antigas, permanece como um fundamento essencial de nossa humanidade — um elo que transcende gerações e culturas, unindo-nos em nossa busca individual e coletiva por sentido e transcendência.

A Arquitetura do Psiquismo: Consciente e Inconsciente na Constituição do Sujeito

- Por Yabatsara

(Gustavo Vieira - Discípulo de Mestre Ygbere)

Esta série de artigos propõe uma investigação interdisciplinar sobre uma das questões mais fundamentais da experiência humana: a natureza da consciência, os limites da autonomia subjetiva e as forças — muitas vezes invisíveis — que moldam a existência individual e coletiva. Partindo do diálogo entre a filosofia, a psicanálise e as ciências da mente, o projeto busca examinar de que modo diferentes tradições do pensamento procuraram compreender o que significa ser, agir e existir em um mundo histórico, simbólico e material.

Mais do que justapor perspectivas distintas, estes textos têm como objetivo explorar os pontos de convergência, tensão e fecundação mútua entre essas áreas do saber. O exercício dialético que orienta esta série não pretende eliminar contradições, mas reconhecê-las como elementos constitutivos do próprio processo de conhecimento. Afinal, foi frequentemente no interior de divergências profundas que emergiram algumas das mais decisivas transformações na compreensão da subjetividade humana.

Ao percorrer as contribuições de autores como Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, entre outros, esta série buscará evidenciar como diferentes campos do saber, mesmo partindo de pressupostos distintos, convergiram na problematização da consciência como instância soberana e transparente. Nesse sentido, o objetivo não é apenas apresentar teorias, mas reconstruir um movimento histórico e conceitual mais amplo: o progressivo descentramento do sujeito e a redefinição de sua agência no interior de uma rede complexa de determinações biológicas, psíquicas, culturais, sociais, políticas e simbólicas.

Assim, esta série convida o leitor a acompanhar uma cartografia crítica da vida psíquica, na qual o consciente e o inconsciente deixam de ser categorias meramente descritivas e passam a ser compreendidos como dimensões fundamentais na constituição do sujeito moderno. Trata-se, em última instância, de investigar não apenas o que o ser humano pensa, mas as condições que tornam possível o próprio ato de pensar — e, sobretudo, aquilo que pensa nele sem que ele o saiba.

Parte 1: Antes de Freud, Nietzsche: as intervenções filosóficas que anteciparam as três feridas narcísicas da humanidade

É difícil imaginar algo que tenha abalado mais o orgulho do ser humano do que descobrir que ele não é o protagonista nem do universo, nem da vida, nem da própria mente. Ainda assim, paradoxalmente, é exatamente esse desengano, inevitavelmente assimilado como humilhação, que tornou possível uma compreensão mais honesta do que significa ser humano.

Se a humanidade tivesse um prontuário clínico coletivo, o Dr. Sigmund Freud — ainda com os olhos treinados pela neurologia e a desconfiança metódica de quem examinava cérebros antes de examinar sonhos — provavelmente teria registrado em letras firmes: “Paciente apresenta delírio persistente de grandiosidade cósmica.”

E, como qualquer clínico que não está interessado em bajular o paciente, ele tratou de desmontar essa fantasia. Em seu ensaio *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud identifica três grandes golpes infligidos ao narcisismo humano ao longo da história (FREUD, 1917/2014). Esses golpes não foram apenas descobertas científicas isoladas, mas verdadeiras revoluções ontológicas que deslocaram o ser humano de seu suposto lugar privilegiado no universo e em si mesmo.

Freud chama esses golpes de “feridas narcísicas”, pois cada um deles contundiu profundamente a imagem que a humanidade construiu de si mesma como centro da realidade, da vida e da própria mente.

Narcisismo: a centralidade imaginária do sujeito

O narcisismo¹, em sentido psicanalítico, designa a relação libidinal que o sujeito estabelece consigo mesmo. O termo foi sistematizado por para descrever o investimento de energia psíquica (libido) que originalmente se dirige ao próprio eu, antes de se voltar para objetos externos (FREUD, 1914/2010). Nesse contexto, o narcisismo não constitui uma patologia em si, mas uma condição estrutural e necessária da formação psíquica. Ele corresponde ao momento em que o próprio sujeito se torna seu primeiro objeto de amor, estabelecendo as bases da identidade, da autoestima e da coesão do eu.

Freud distingue, ainda, entre o narcisismo primário e o narcisismo

secundário. O narcisismo primário refere-se ao estado inicial do desenvolvimento psíquico, no qual a energia libidinal está inteiramente investida no próprio sujeito, que ainda não é capaz de fazer uma diferenciação plena entre si e o mundo externo. Já o narcisismo secundário ocorre quando a libido, num momento posterior do desenvolvimento psíquico, em que a libido já é dirigida a objetos externos, é retirada destes e reinvestida no eu, frequentemente como resposta a frustrações, perdas ou conflitos.

Esse movimento revela que a relação do sujeito consigo mesmo não é estática, mas dinâmica, sujeita a deslocamentos e reorganizações ao longo da vida.

Para além de sua dimensão clínica, o narcisismo possui também uma dimensão existencial e cultural. Ele sustenta a tendência humana de perceber a si mesmo como centro de referência da realidade, como origem autônoma de pensamento e ação.

Essa centralidade imaginária contribui para a sensação de unidade e continuidade do eu, mas também pode obscurecer o

reconhecimento das forças inconscientes, históricas e simbólicas que participam de sua constituição. Nesse sentido, o narcisismo funciona como uma condição paradoxal: ele é simultaneamente o fundamento da identidade subjetiva e o véu que encobre sua própria descentralização.

É precisamente essa estrutura narcísica que foi progressivamente abalada pelas descobertas científicas e pelas intervenções filosóficas da modernidade. Ao demonstrar que o sujeito não é o centro do universo físico, nem uma criação separada da natureza, nem o soberano absoluto de sua própria mente, o pensamento moderno introduziu uma ruptura na autoimagem narcísica da humanidade. O narcisismo, assim, deixa de ser apenas um conceito clínico e passa a ser também uma chave interpretativa para compreender a resistência humana diante de tudo aquilo que ameaça sua pretensão de centralidade.

¹ O mito de Narciso e sua reelaboração freudiana: Na mitologia grega, Narciso é descrito como um jovem de extraordinária beleza que, ao contemplar sua própria imagem refletida na superfície da água, apaixona-se por ela sem reconhecer tratar-se de si mesmo. Incapaz de se afastar dessa imagem, permanece em estado de fascinação até definir e morrer, sendo posteriormente transformado na flor que leva seu nome. O mito, registrado em sua forma mais conhecida por Ovídio nas *Metamorfoses*, expressa simbolicamente o aprisionamento do sujeito em sua própria imagem e a impossibilidade de estabelecer uma relação efetiva com o outro. Sigmund Freud retoma esse mito como referência conceitual para formular sua teoria do narcisismo, particularmente em seu ensaio **Introdução ao Narcisismo** (1914). Para Freud, o narcisismo não é apenas uma perversão ou anomalia, mas uma fase constitutiva do desenvolvimento psíquico, na qual a libido é inicialmente investida no próprio eu antes de se direcionar a objetos externos. O mito de Narciso, nesse contexto, ilustra de forma paradigmática o fenômeno do investimento libidinal no próprio sujeito, bem como os riscos inerentes à fixação excessiva nessa condição, em detrimento da relação com o mundo e com os outros.

A primeira ferida narcísica: a revolução cosmológica de Copérnico

A primeira ferida foi infligida pela revolução cosmológica iniciada por Nicolau Copérnico, no século XVI.

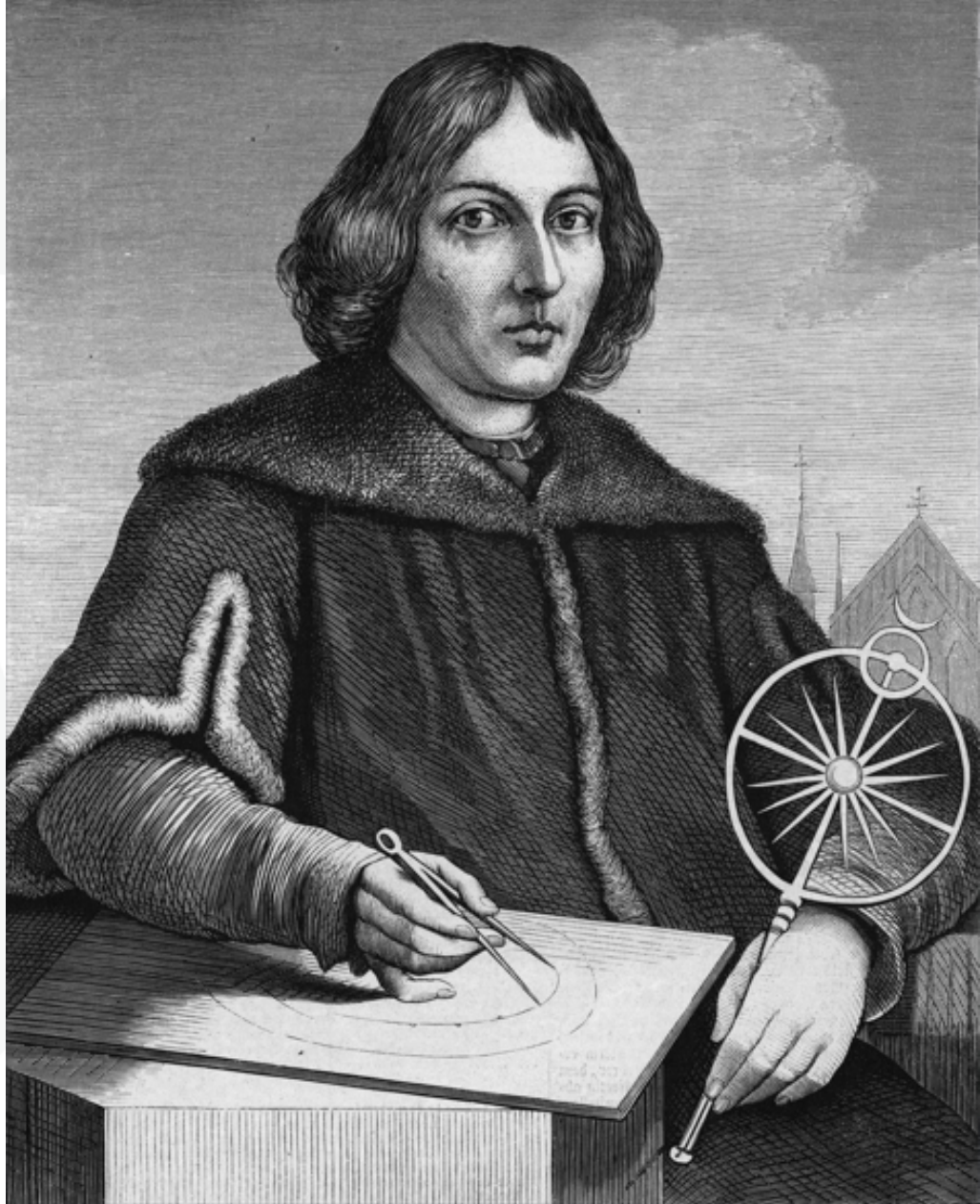
Antes de Copérnico, o modelo geocêntrico colocava a Terra no centro do universo. Essa concepção não era apenas científica, mas também psicológica e cultural. Colocar a Terra no centro implicava colocar o ser humano no centro da criação. O universo inteiro parecia organizado em torno da existência humana.

Copérnico destruiu essa ilusão ao demonstrar que a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário (COPÉRNICO, 1543/1990). O planeta em que o ser humano habita e se considera dono foi rebaixado à condição de apenas mais um corpo celeste entre outros.

Freud descreve esse momento como a primeira grande humilhação da humanidade:

“O homem acreditava originalmente que a Terra era o centro do universo [...] A ciência destruiu essa ilusão.” (FREUD, 1917/2014, p. 285)

Essa descoberta teve consequências psicológicas profundas. O ser humano deixou de ocupar o centro



Nicolau Copérnico. Fonte: Wikimedia Commons

físico do cosmos. O universo tornou-se vasto, indiferente e descentralizado. Culturalmente, isso inaugurou o que podemos chamar de crise da centralidade humana. O cosmos deixou de ser um espelho da importância humana.

Nietzsche levaria essa consequência ao extremo ao sustentar que o universo não contém finalidade inerente alguma, e que aquilo que chamamos de sentido da existência não é descoberto na realidade, mas produzido pelo próprio ser humano como expressão de suas forças

imperativas (NIETZSCHE, 1882/2001).

A segunda ferida narcísica: a revolução biológica de Darwin

A segunda ferida narcísica foi infligida por Darwin no século XIX.

Antes de sua teoria sobre a evolução das espécies, o ser humano era amplamente considerado uma criação especial, divina, qualitativamente distinta dos animais. Mesmo quando reconhecida a semelhança biológica, persistia a crença em uma diferença essencial, fosse essa diferença a consciência ou o próprio espírito.

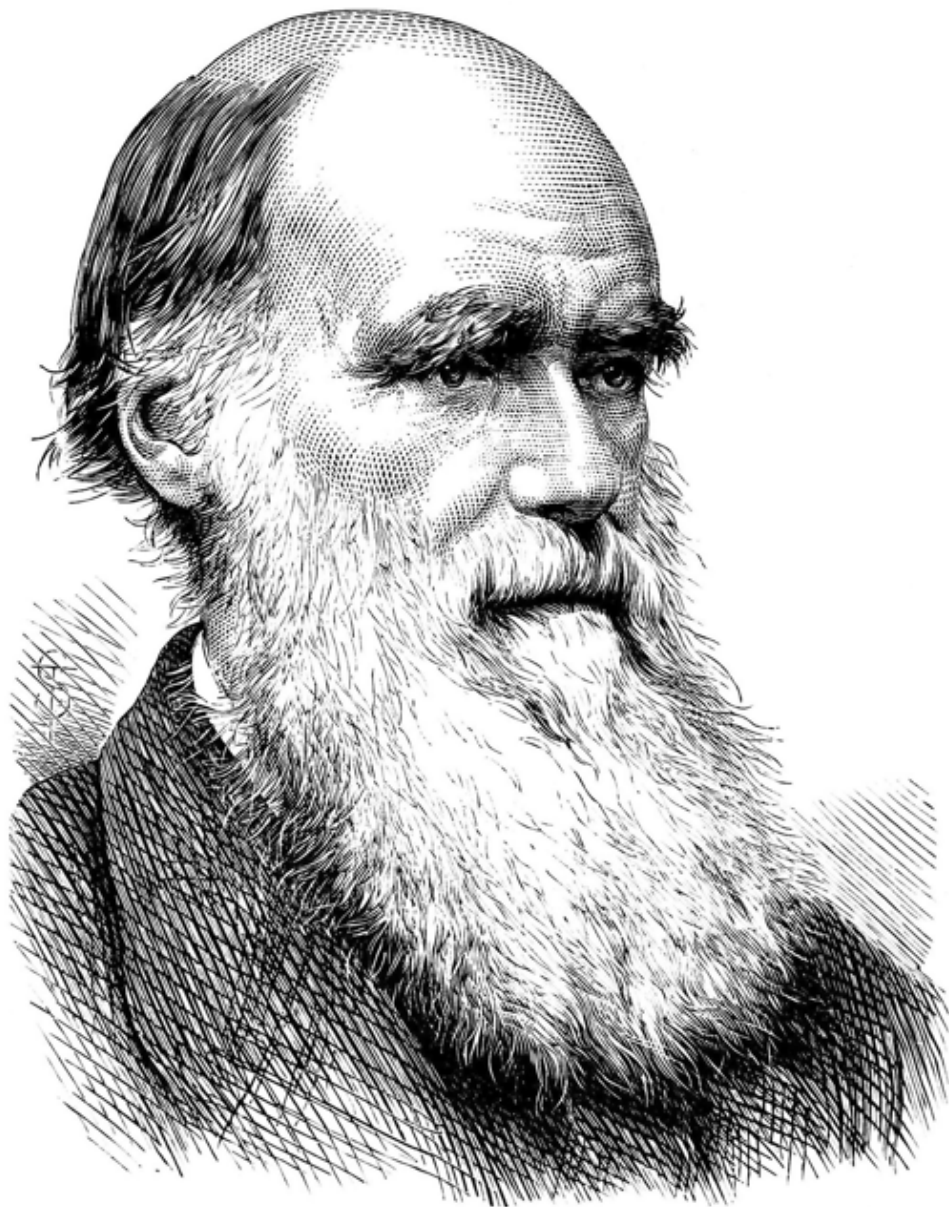
Darwin destruiu essa ilusão ao demonstrar que os seres humanos são resultado do mesmo processo evolutivo que produziu todas as outras espécies (DARWIN, 1859/2009).

O ser humano não foi criado separadamente, mas emergiu gradualmente através de seleção natural.

Freud descreve esse momento como a segunda humilhação narcísica:

“O homem descobriu que descende do reino animal e não é algo separado ou superior a ele.” (FREUD, 1917/2014, p. 285)

Essa descoberta teve consequências devastadoras para a autoimagem humana. O ser humano deixou de ser



Charles Darwin. Fonte: Wikimedia Commons

uma criação especial de Deus e tornou-se uma criatura dentre outras que habitam a Terra.

Nietzsche antecipou essa perspectiva ao criticar a pretensão humana de superioridade metafísica, afirmando que o homem é “o animal ainda não fixado” (NIETZSCHE, 1886/2005).

Culturalmente, isso dissolveu a fronteira ontológica entre o humano e o animal. A razão deixou de ser vista como essência transcendental e passou a ser compreendida como uma capacidade evolutiva.

A terceira ferida narcísica: a revolução psicanalítica de Freud

A terceira ferida narcísica foi infligida pelo próprio Dr. Freud. Mesmo após as revoluções de Copérnico e Darwin, restava uma última fortaleza narcísica: a crença de que o ser humano era senhor de sua própria mente.

A tradição filosófica ocidental consolidou a concepção do sujeito como um agente racional e consciente, dotado da capacidade de governar seus próprios pensamentos e ações. Mesmo quando o imaginário romântico introduziu a ideia de que os afetos poderiam escapar parcialmente ao domínio da razão, essa exceção ainda operava dentro de um modelo em que a consciência permanecia, em última instância, como referência central da vida psíquica.

Foi precisamente essa suposição fundamental que veio a ser abalada, quando Freud sustentou que a consciência não constitui o núcleo soberano da mente, mas apenas uma instância limitada, continuamente atravessada e, em grande medida, determinada por processos inconscientes que escapam ao seu controle direto.

Em suas palavras:



Sigmund Freud. Fonte: Wikimedia Commons

“O Eu não é senhor em sua própria casa.”
(FREUD, 1917/2014, p. 286)

Essa afirmação é talvez uma das mais perturbadoras da história do pensamento.

Ela implica que o sujeito não tem acesso completo às forças que o movem. Pensamentos, desejos e decisões frequentemente emergem de processos inconscientes. O inconsciente não é um detalhe marginal, mas o próprio núcleo da vida psíquica.

Sonhos, lapsos de linguagem, sintomas neuróticos e até decisões aparentemente racionais são influenciados por forças inconscientes (FREUD, 1900/2019).

Nietzsche havia antecipado essa ideia ao afirmar que os pensamentos conscientes são frequentemente racionalizações posteriores de impulsos inconscientes (NIETZSCHE, 1887/2009).

Sim, basicamente o “eu” deixou de ser o diretor executivo e passou a ser o estagiário que escreve relatórios sobre decisões que já

foram tomadas em outro andar — e Sigmund Freud não apenas teve a honestidade inconveniente de apontar isso, como também, de certa forma, transformou essa conclusão filosófica de Nietzsche em uma teoria clínica sistemática, conferindo-lhe forma conceitual e aplicação terapêutica.

O narcisismo diante de sua descentralização psíquica

Essas três feridas têm um efeito comum: todas deslocam o ser humano da sua suposta posição central no universo e cada ferida representa uma desilusão distinta.

Ilusão narcísica	Descoberta científica	Consequência
Somos o centro do universo	Copérnico - O Heliocentrismo	Somos apenas um planeta que orbita o Sol
Somos uma criação especial de Deus	Darwin - Evolução das Espécies	Somos mais uma espécie animal na Terra
Somos senhores de nossa mente	Freud - O Inconsciente	Somos governados pelo inconsciente

Freud chama esse fenômeno de “destronamento progressivo do ego” (FREUD, 1917/2014). Ou seja, a consciência, que antes era vista como soberana, torna-se apenas uma instância limitada do aparelho psíquico.

A dimensão existencial da terceira ferida

Esse processo de descentralização não deve ser entendido apenas como uma sequência de descobertas

científicas que “corrigiriam” erros anteriores. Trata-se de uma transformação estrutural na maneira como o sujeito se compreende. O narcisismo humano, nesse contexto, não é mera vaidade individual, mas uma estrutura antropológica: a tendência a situar-se como referência última de sentido, valor e controle. Cada uma das três feridas descritas por Sigmund Freud dismantela um eixo dessa autoimagem, deslocando o homem do centro do cosmos, da criação e, por fim, de si mesmo.

A terceira ferida, porém, introduz uma ruptura qualitativamente distinta. Enquanto as duas primeiras atingem a posição objetiva do ser humano no universo e na natureza, a terceira incide sobre a própria

estrutura da subjetividade. O Eu, que se acreditava instância originária de decisão e consciência, revela-se dependente de processos que não domina. O inconsciente não é um acidente periférico, mas a condição de possibilidade da vida psíquica. A racionalidade deixa de ser fundamento e passa a ser, frequentemente, efeito secundário, elaboração tardia, narrativa organizadora de forças que operam em outro nível.

Nesse ponto, a interlocução com Friedrich Nietzsche torna-se decisiva. Ao afirmar que o sujeito é uma multiplicidade de impulsos em disputa e que o “eu” funciona como uma ficção gramatical que mascara essa pluralidade (NIETZSCHE, 1886/2005), Nietzsche antecipa a crítica à unidade soberana da consciência. Freud, por sua vez, oferece a arquitetura metapsicológica que torna essa intuição operativa: o conflito entre id, ego e superego formaliza a divisão interna do sujeito. O resultado comum é a dissolução da transparência do eu. O sujeito moderno não é mais o centro estável de decisões conscientes, mas um campo de tensões, interpretações e negociações internas.

E aqui está o ponto culturalmente decisivo: ao perder a centralidade psíquica, o ser humano não apenas sofre uma humilhação teórica, mas adquire uma nova tarefa. Se não é o centro do universo, nem o ápice separado da natureza, nem o soberano de sua própria mente, então a identidade deixa de ser inata e passa a ser uma construção. A consciência, longe de fundamento absoluto, torna-se espaço de elaboração, responsabilidade e criação. A descentralização não elimina o sujeito; ela o transforma em problema. E problemas, como sabemos, exigem trabalho — algo que tanto Nietzsche quanto Freud, cada um a seu modo, nunca permitiram que evitássemos.

Implicações culturais das feridas narcísicas

Essas feridas não tiveram apenas impacto científico, mas também cultural e filosófico. Elas contribuíram para o surgimento da modernidade psicológica.

O sujeito moderno é caracterizado por:

- Descentralização
- Fragmentação
- Opacidade interior

Nietzsche expressa essa transformação ao declarar que o sujeito é uma multiplicidade de forças em conflito (NIETZSCHE, 1886/2005).

Freud expressa a mesma ideia em termos clínicos, através do conflito entre id, ego e superego (FREUD, 1923/2011).

A cultura moderna reflete essa transformação. A arte, a literatura e a filosofia abandonaram a imagem do sujeito racional unitário e passaram a explorar sua fragmentação.

Divergências fundamentais: afirmação versus repressão (expansão)

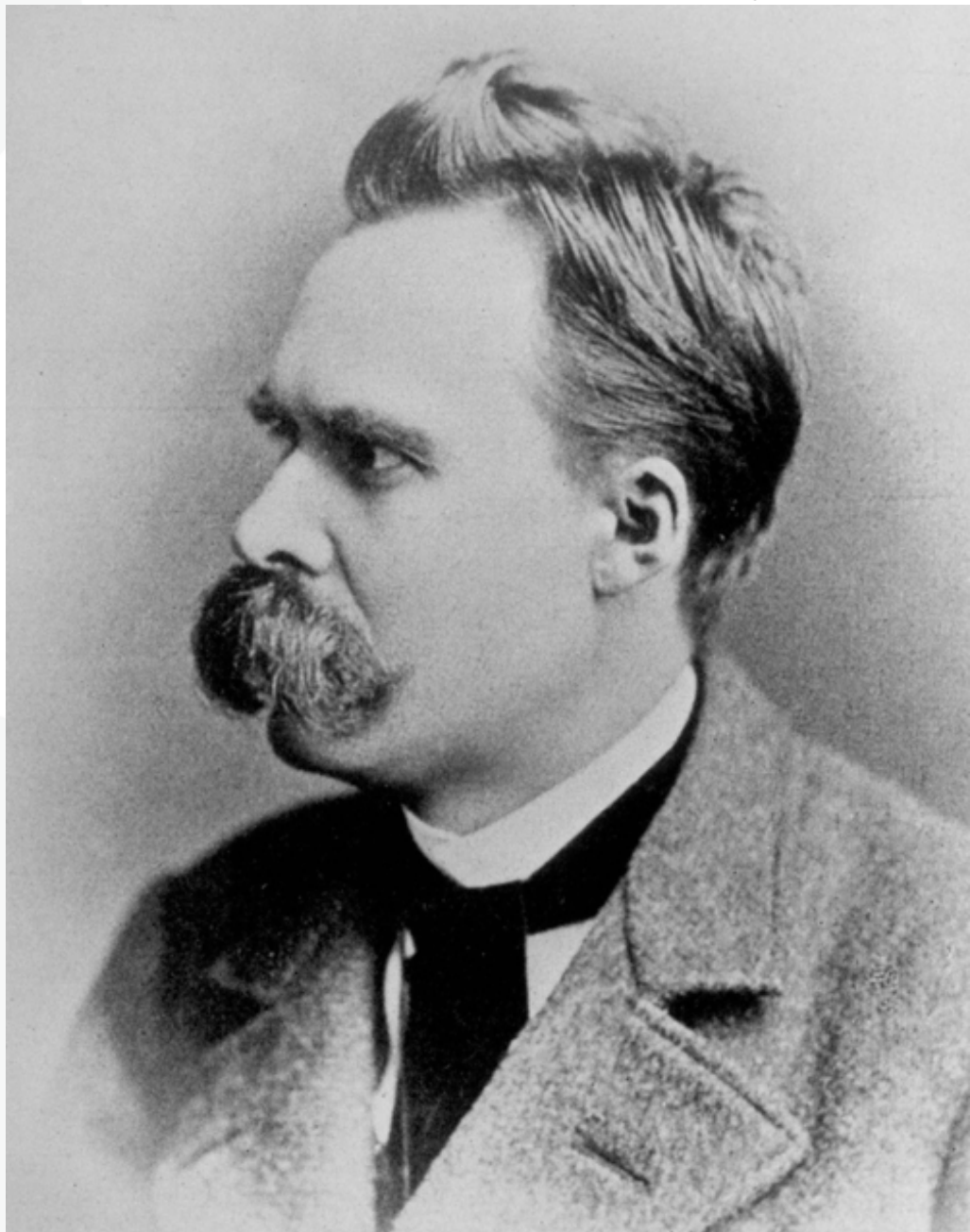
Apesar das convergências estruturais entre Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud na crítica à soberania da consciência, suas perspectivas

divergem profundamente quanto ao estatuto e ao destino dos impulsos inconscientes. Essa divergência não é meramente técnica, mas revela duas concepções distintas da cultura, da saúde psíquica e do próprio significado da existência humana. Ambos reconhecem que a consciência é um fenômeno derivado, mas discordam sobre o que isso implica para a vida e para a civilização.

Para Freud, o inconsciente é, em grande parte, o reservatório de desejos incompatíveis com as

exigências da vida social. Impulsos sexuais e agressivos, ao encontrarem resistência nas normas culturais, são reprimidos e excluídos da consciência, mas continuam a exercer influência indireta por meio de sintomas, sonhos e formações substitutivas (FREUD, 1915/2010). A repressão, nesse sentido, não é uma anomalia, mas uma condição estrutural da civilização. Sem ela, a vida coletiva seria inviável: o preço da cultura é o conflito psíquico permanente. A neurose, longe de ser uma exceção, torna-se uma possibilidade inerente à condição civilizada.

Friedrich Nietzsche. LIFE Photo Collection, MANSELL COLLECTION. Licença: CC BY 2.0



Nietzsche, por sua vez, interpreta esse mesmo processo sob uma luz diferente. Para ele, o problema não reside na existência dos impulsos inconscientes, mas nas formas históricas específicas de sua repressão. Em sua análise genealógica da moral, ele argumenta que a civilização ocidental, especialmente sob influência de valores ascéticos, promoveu uma interiorização excessiva dos impulsos, convertendo sua energia em culpa, ressentimento e autonegação (NIETZSCHE, 1887/2009). O inconsciente, nesse contexto, não é primariamente patológico, mas uma fonte de potência que foi desviada de sua expressão afirmativa.

Essa diferença torna-se particularmente evidente na concepção de sublimação. Freud entende a sublimação como um mecanismo pelo qual impulsos instintivos são redirecionados para atividades culturalmente valorizadas, como arte, ciência e religião (FREUD, 1930/2010). Trata-se de um compromisso: o impulso não é eliminado, mas transformado. Ainda assim, permanece a ideia de que essa transformação é uma solução para um conflito inevitável. Nietzsche, por outro lado, vê na sublimação não apenas uma solução, mas uma possibilidade de transfiguração criativa. A cultura, em sua forma mais elevada, não reprime simplesmente os impulsos, mas os converte em força criadora, em

expressão de afirmação da vida, em vontade de potência.

Essa divergência reflete duas antropologias filosóficas distintas.

Em Freud, o sujeito é essencialmente um ser dividido, cuja estabilidade depende de equilíbrios frágeis entre forças em tensão. A saúde psíquica não consiste na eliminação do conflito, mas em sua administração. Em Nietzsche, o conflito é também constitutivo, mas não necessariamente patológico. Ele pode ser a condição da criação. O problema não é a existência de forças inconscientes, mas a incapacidade de integrá-las de maneira afirmativa.

Tal distinção tem profundas implicações culturais. Freud oferece um modelo terapêutico cujo objetivo é ampliar o campo da consciência, permitindo ao sujeito reconhecer e elaborar seus conflitos inconscientes. Nietzsche, em contraste, propõe uma tarefa existencial: não apenas reconhecer essas forças, mas transformá-las em expressão de potência e criação. Se Freud busca tornar o inconsciente consciente, Nietzsche busca tornar o inconsciente produtivo.

No fundo, ambos reconhecem que o sujeito não é senhor de si. A diferença está no horizonte que se abre a partir dessa constatação. Em Freud, trata-se de um horizonte clínico, orientado pela possibilidade de se reduzir o sofrimento psíquico.

Em Nietzsche, trata-se de um horizonte filosófico, orientado pela possibilidade de criação de novos valores. Entre o diagnóstico e a transfiguração, entre a cura e a criação, delineiam-se duas das mais influentes respostas à descoberta moderna do inconsciente.

Conclusão: o colapso da pretensa soberania humana e o emergir de infinitos horizontes de possibilidades

O reconhecimento do inconsciente como dimensão constitutiva da vida psíquica produziu uma ruptura irreversível na imagem que o ser humano havia construído de si mesmo ao longo da tradição filosófica ocidental. A consciência, antes concebida como fundamento originário da identidade e da racionalidade, revelou-se uma instância limitada, derivada e, em larga medida, dependente de processos que escapam à sua jurisdição. Essa transformação não representou apenas uma revisão teórica, mas uma verdadeira reconfiguração da condição humana. O sujeito deixou de ser compreendido como origem transparente de seus pensamentos e ações e passou a ser concebido como resultado de uma dinâmica complexa de forças, impulsos e mediações simbólicas.

Nesse contexto, as contribuições de Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud convergem na desmontagem da ilusão de autonomia absoluta da consciência, ainda que apontem para horizontes distintos. Nietzsche revelou o caráter interpretativo da consciência, mostrando que aquilo que o sujeito percebe como verdade ou identidade é inseparável das forças que o constituem. Freud, por sua vez, demonstrou que essas forças possuem estrutura, dinâmica e efeitos clinicamente observáveis. A consciência, em ambos os casos, deixa de ser o fundamento e passa a ser um fenômeno emergente, uma superfície onde processos mais profundos se tornam parcialmente visíveis.

Além disso, o colapso da soberania da consciência implica uma nova compreensão da cultura. Se a consciência é moldada por processos inconscientes, então as produções culturais — religião, arte, ciência, filosofia, moral, ética, etc. — não podem ser interpretadas apenas como expressões da razão, mas como formações complexas nas quais se inscrevem conflitos, repressões e sublimações. A cultura deixa de ser o triunfo da racionalidade sobre a natureza e passa a ser compreendida como um campo de transformação das próprias forças que constituem o sujeito. Ela é, simultaneamente, produto e mediadora do inconsciente.

Essa nova imagem do ser humano não elimina a consciência, mas redefine seu estatuto. A consciência não é mais soberana, mas também não é irrelevante. Ela se torna o espaço onde o sujeito pode reconhecer, reinterpretar e, até certo ponto, reconfigurar as forças que o atravessam. Ela é menos um centro de comando e mais um campo de elaboração. Essa mudança exige uma nova forma de responsabilidade: não a responsabilidade de controlar absolutamente a si mesmo, mas a responsabilidade de confrontar a própria opacidade interior.

O legado de Nietzsche e Freud, nesse sentido, não é apenas a crítica da consciência, mas a abertura de um novo campo de compreensão da subjetividade. Eles mostraram que o sujeito não é uma estrutura fixa, mas um processo em desenvolvimento. Não é uma unidade originária, mas uma configuração dinâmica. O colapso da soberania humana, longe de representar apenas uma perda, inaugura a possibilidade de uma relação mais lúcida e mais complexa com aquilo que somos. E essa lucidez, ainda que desconfortável, constitui uma das conquistas mais profundas do pensamento moderno.

Referências

- COPÉRNICO, Nicolau. **As revoluções dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação do sonho**. São Paulo: Autêntica, 2025.
- FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O Alfabeto das Estrelas: O Arqueômetro como Instrumento de Arte, Cosmologia e Interpretação dos Textos Sagrados - Introdução

- Por Yaranala
(Flávia - Discípula de Mestre Ygbere)

O que é o Arqueômetro? Definição e Origem Mítica

O termo "Arqueômetro" é definido etimologicamente como a "medida do Princípio", do grego arché - princípio (ἀρχή - Termo grego fundamental que significa "princípio", "origem", "causa primeira" ou "comando". Na filosofia grega, era a substância ou elemento primordial do qual todas as coisas derivam), e metron - medida (μέτρον).

É um instrumento sintético, simbólico-matemático, uma chave universal que se destina a:

1. Aplicar-se a todas as "manifestações Verbais" (ou seja, todas as expressões da verdade divina nas diferentes culturas).

2. Reconduzir todas essas manifestações ao seu Princípio comum, revelando seu lugar na Harmonia Universal.

3. Ser um "transferidor cíclico", um código cosmológico para estudos avançados em religião, ciência e arte, conforme a definição de Saint-Yves d'Alveydre¹.

Nada no Arqueômetro é arbitrário; os vários elementos utilizados foram posicionados de forma rigorosamente matemática. Não é um sistema filosófico, e sim uma chave para avaliar todos os sistemas, sem intenção de fazer prevalecer um sistema sobre outro.

Seguimos com a explanação de alguns termos, baseados nos ciclos cósmicos da tradição hindu (védica) para compreender a transmissão da Tradição primordial, sintetizada no Arqueômetro, de um ciclo a outro.

1. **Kali-Yuga**²: É a "Idade de Ferro", o período atual, de decadência espiritual, onde a Tradição primordial precisa ser ocultada.

2. **A Arca (Thebah)**³: Durante o Kali-Yuga, a Tradição é guardada dentro de uma "Arca", um invólucro orgânico que contém os princípios de todas as coisas. A Arca é confiada a um Manu que regerá o próximo ciclo (no hinduísmo Manu é o

progenitor da humanidade e o legislador primordial de cada ciclo cósmico - Manvântara⁴.

3. **O Significado da Arca**: A Arca não é uma embarcação literal, mas um símbolo do depósito da sabedoria ancestral. Suas proporções simbólicas contêm o plano da nova manifestação da verdade no ciclo seguinte.

4. **O Arqueômetro**: Ele é, portanto, a "medida do Princípio", a representação gráfica e numérica desse plano universal contido na Arca. É uma ferramenta para o próximo despertar espiritual.

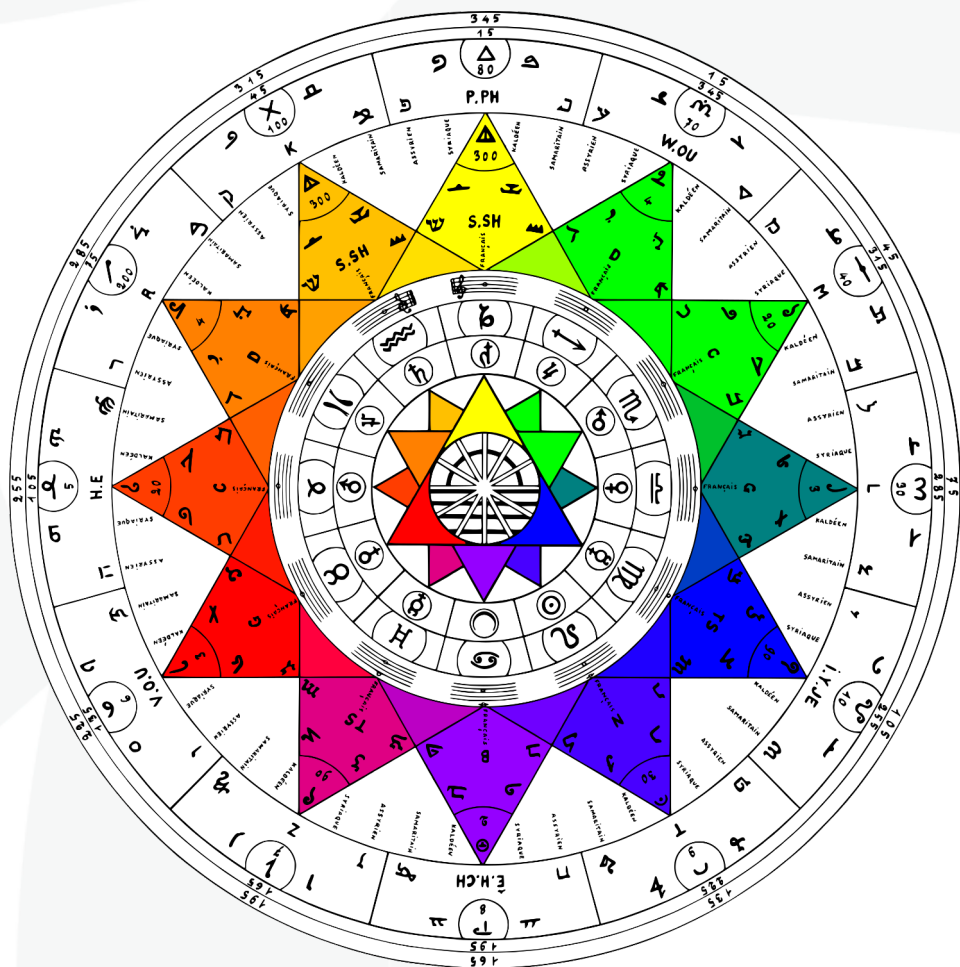
¹ Saint-Yves d'Alveydre (1842-1909): Escritor e ocultista francês, famoso por desenvolver o conceito de "Sinarquia" (governo harmonioso baseado em leis naturais) e por suas obras sobre a "Missão" dos judeus, celtas e outros povos, nas quais alegava decifrar tradições antigas. O Arqueômetro seria sua obra síntese.

² Kali-Yuga: Na cronologia cíclica hindu, é a última e mais degenerada das quatro idades (Yugas) que compõem um ciclo maior (Mahayuga). Caracteriza-se pela perda da espiritualidade, pelo conflito e pelo materialismo.

³ Thebah: Transliteração da palavra hebraica תיבה (tevah), que significa "arca", como a Arca de Noé. O texto a interpreta simbolicamente como o "Santuário dos Arcanos", o receptáculo da tradição sagrada durante o período de ocultamento.

⁴ Manvântara: O período de tempo regido por um Manu específico. A palavra significa "entre dois Manus"

A Estrutura Fundamental do Diagrama



O Arqueômetro tem uma base duodecimal (base 12), gerada por um princípio ternário (base 3). A figura é composta por zonas concêntricas que estabelecem correspondências entre cores, planetas, signos zodiacais, notas musicais, letras e números.

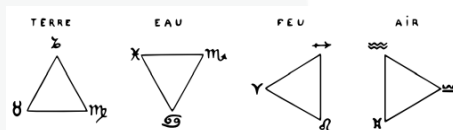
O centro da figura é ocupado por quatro triângulos equiláteros entrelaçados, formando 12 vértices. Triângulo para cima (Terra): Cores fundamentais: Amarelo (vértice), Azul (direita da base), Vermelho (esquerda da base).

Triângulo para baixo (Água): Cores secundárias (misturas): Violeta (vértice), Laranja (esquerda), Verde (direita).

Dois triângulos laterais (Fogo e Ar): Outras cores intermediárias.

O centro é branco, representando A Unidade, a síntese de todas as cores, a região do Princípio; enquanto o exterior é preto, As "Trevas Exteriores", a ausência de luz e, portanto, de manifestação.

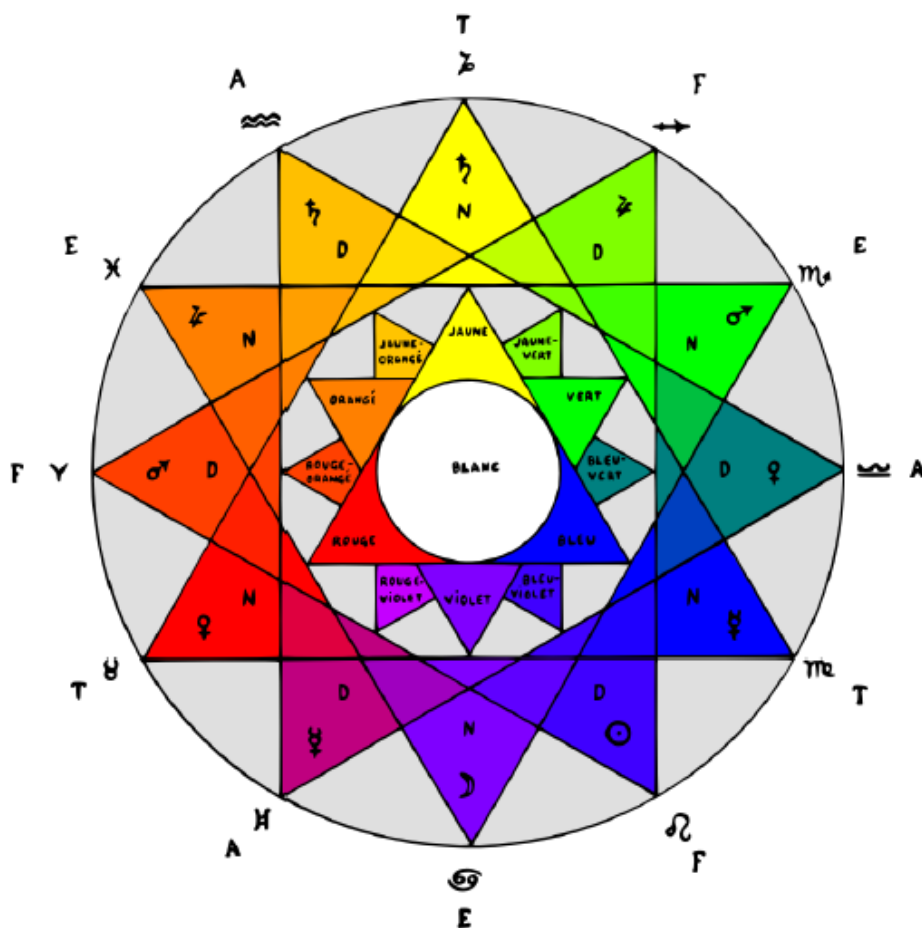
Os quatro triângulos que acabamos de mencionar são os dos quatro elementos: o primeiro, cujo vértice está acima, é o triângulo da Terra; o segundo, cujo vértice está abaixo, o triângulo da Água; o terceiro, cujo vértice está à esquerda, o triângulo do Fogo; e finalmente o quarto, cujo vértice está à direita, o triângulo do Ar.



Os 12 signos do zodíaco são distribuídos pelos quatro elementos (3 signos para cada elemento). Os 7 planetas da astrologia clássica (Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio, Sol, Lua) têm suas "casas" (domicílios) nesses signos, sendo um domicílio diurno e domicílio noturno para cada planeta, exceto sol e lua, com apenas um domicílio cada, sendo sol diurno e lua noturno. Uma observação importante: as cores do Arqueômetro (ex.: amarelo para Saturno) diferem das atribuições planetárias comuns (ex.: preto para Saturno) porque se referem às cores dos sais dos metais associados aos planetas, e não à aparência dos metais em si.

As correspondências dos metais com os planetas são as seguintes:

Sol Ouro
 Lua Prata
 Saturno Chumbo
 Júpiter Estanho
 Marte Ferro
 Vênus Cobre
 Mercúrio Mercúrio



Planeta e Condição	Signo do Zodiaco	Cor Correspondente
Saturno noturno	Capricórnio	Amarelo
Saturno diurno	Aquário	Amarelo-Laranja
Júpiter diurno	Sagitário	Verde-amarelo
Júpiter noturno	Peixes	Laranja
Marte noturno	Escorpião	Verde
Marte diurno	Áries	Vermelho-Laranja
Vênus diurno	Libra	Azul-Verde
Vênus noturno	Touro	Vermelho
Mercúrio noturno	Virgem	Azul
Mercúrio diurno	Gêmeos	Vermelho-Violeta
Sol diurno	Leão	Azul-Violeta
Lua noturno	Câncer	Roxo

Vemos que os triângulos do Fogo e do Ar contêm todos os planetas em domicílios diurnos, e que os triângulos da Terra e da Água contêm todos os planetas em domicílios noturnos; é importante notar que estes são precisamente os dois

triângulos principais.

Os Dois Triângulos Principais e o Simbolismo Central:

Triângulo da Terra (para cima): É o "Triângulo da Palavra" e da "Terra do Princípio". Seus vértices são identificados com letras hebraicas que formam nomes do Verbo e de suas manifestações diretas (por emanção, e não por reflexo): IPhO (ou Fo-hi) e IshO ou OSHI (Ishwa-Ra, Jesus- Rei e Oshi-Ri ou Osíris). É o domínio da essência divina. Seu ápice (Amarelo) está no topo do Monte Meru⁵, o eixo do mundo (Polo Norte, solstício de inverno).

Triângulo da Água (para baixo): É o "Triângulo das Águas Vivas" ou da "Embriologia Temporal". Seus vértices formam o nome MaRiaH (Maria, Mâyâ⁶). É o domínio do reflexo, da criação, da ilusão (Mâyâ), da matéria-prima (as "Grandes Águas"), manifestação da Virgem Celestial, e do Verbo manifestado por ela (reflexão do Princípio nas Grandes Águas) sobre a qual o Princípio age. Lido na outra direção, o nome de MaRiaH torna-se o de HerRMès, o condutor das almas que sobem e descem. Seu vértice inferior está no fundo do abismo (Polo Sul, solstício de verão).

Esses dois triângulos, juntos, formam o "Selo de Salomão" (a Estrela de Davi), que é o símbolo da Criação (o senário, o número 6). O princípio fundamental é a lei hermética da analogia: "o que está em cima é como o que está embaixo", mas em sentido contrário (o triângulo superior é o arquétipo, o inferior é o reflexo). Em edição futura daremos continuidade ao assunto...

⁵ Monte Meru: Na cosmologia hindu, é a montanha sagrada no centro do universo, considerada a morada dos deuses (Ishwara) e o eixo do mundo (Axis Mundi). É o polo espiritual por onde as almas ascendem.

⁶ Mâyâ: Conceito central no hinduísmo, especialmente no Vedanta. É frequentemente traduzido como "ilusão", mas num sentido mais profundo, é o poder criativo (Shakti) do divino que projeta a realidade fenomenal, fazendo o uno parecer múltiplo. Não é "irreal", mas é uma realidade relativa e impermanente que oculta o Absoluto (Brahman).

SEJA NOSSO PARCEIRO

Prezados irmãos e irmãs! Gostaríamos de poder contar com contribuições de qualquer valor para conseguirmos manter os trabalhos de divulgação da nossa Doutrina e das atividades de nosso Templo. Por favor, ajudem-nos para que nosso trabalho e nossa mensagem cheguem ao maior número de pessoas possível. Agradecemos de coração toda a ajuda recebida.



Esse é o QR Code para doações via Pix, de qualquer instituição financeira.

Se preferir, utilize o email (chave pix) abaixo:

umbandainiciatica7@gmail.com

